

TERRITÓRIO, SOCIEDADE E INTEGRAÇÃO: DIALÓGOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A AMÉRICA LATINA

Coordenadores:

Profa. Dra. Maria Terezinha Serafim Gomes

Universidade Estadual Paulista – UNESP – Prudente Prudente/Brasil.

Email: tserafim@fct.unesp.br

Prof. Dr. Marcos Kazuo Matushima

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Uberaba/Brasil.

Email: matushima@geografia.ufm.edu.br ou mkmatushima@gmail.com

Prof. Dr. Antonio Marcos Roseira

Universidade Federal do ABC – São Bernardo do Campo/Brasil

Email: m.roseira@ufabc.edu.br

PROJEÇÃO DAS EMPRESAS MULTINACIONAIS BRASILEIRAS NA AMÉRICA DO SUL NO CONTEXTO DE INTEGRAÇÃO REGIONAL

Antonio Marcos Roseira, Doutor em Geografia Humana
(m.roseira@ufabc.edu.br)

Universidade Federal do ABC, Campus São Bernardo do Campo – São Paulo

Resumo: Os processos de regionalização têm ampliado, desde os anos 1990, a cooperação política, as interações territoriais e as relações econômicas sul-americanas. Referente aos aspectos econômicos, além do aprofundamento das trocas comerciais entre os países sul-americanos, destaca-se a atuação continental de empresas multinacionais da região, as Multilatinas. Dentre estas, ganharam importância na última década as empresas brasileiras, cuja escala de atuação alcançou praticamente todos os países do continente. Empresas do setor automotivo, de construção, de bebidas, de alimentos, de informática etc., passaram a ampliar sua rede geográfica de atuação. Especialmente na última década, marcada pela retomada do crescimento econômico, as multinacionais brasileiras ampliaram sua participação nos fluxos regionais de Investimento Direto Estrangeiro. Grosso modo, essa nova realidade responde a dois fatores. Primeiro, a sua presença na América do Sul está associada ao próprio processo de integração regional, que intensifica os laços econômicos interestaduais. Segundo, resulta da supremacia econômica do Brasil no continente, aspecto central para sua liderança regional. Dessa forma, esse trabalho propõe analisar a relação entre a atuação dessas multinacionais, a integração regional e a projeção continental do país, assim como também o papel geopolítico dessa dinâmica na transformação da América do Sul.

Palavras-chave: Integração Regional, América do Sul, Multinacionais Brasileiras

Abstract: Regionalization processes have expanded the political cooperation, territorial interactions and the South American economic relations. When it comes to the economic aspects, in addition to deepening of trade between South American countries, there is the continental operations of multinational companies in the region, the Multilatinas. Among these, gained importance in the last decade Brazilian companies, whose scale of operations has reached virtually every country of the continent. Companies in the automotive, construction, beverage, food, computer etc., have been expanding its geographical network performance. Especially in the last decade, marked by the renewal of economic growth, Brazilian multinationals have increased their participation in the regional flows of Foreign Direct Investment. Roughly speaking, this new reality responds to two factors. First, its presence in South America is associated to the regional integration process, which enhances inter-state economic ties. Second, results from the economic supremacy of Brazil in the continent, central to its regional leadership. Thus, this work aims to analyze the relationship between the actions of these multinationals, regional integration and the continental projection of the country, as well as the geopolitical role of this dynamic in the transformation of South America.

Keywords: Regional Integration, South America, Brazilian multinationals

1- Emergência Econômica do Mundo em Desenvolvimento e os Investimentos Diretos Estrangeiros

Nos anos 1990, grande parte dos IED que se dirigiam de outros continentes à América do Sul objetivava o setor de Fusão e Aquisição (F&A), e cada vez menos os *Greenfield Investment*, isto é, novas unidades produtivas (SCHERER, 2004, p. 110). Com a globalização, a produção de muitas corporações migrou para outros continentes. Ao mesmo tempo, a crise do Estado na América do Sul abriu caminho para que os IED fossem voltados para a aquisição de setores estratégicos nacionais. Essa tendência subordina o continente aos interesses das grandes potências e das corporações globais.

Num contexto de frágeis condições econômicas, a hegemonia do neoliberalismo intensificou na região as crises econômicas e sociais. Em toda América Latina, os longos períodos de desemprego, desigualdade e pobreza projetaram efeitos desastrosos à coesão social (STIGLITZ, 2001, p. X). A agudização da crise forçou a retração da “soberania” do mercado. Assim como no Pacífico Asiático após a crise deflagrada em 1997, a experiência de colapsos financeiros impôs às principais economias sul-americanas a rediscussão da relação entre Estado e sociedade. O fortalecimento do papel do Estado é um dos fatores que sustentam a recente recuperação econômica. Somada aos investimentos públicos, as políticas de inclusão e recuperação da renda foram determinantes à ampliação do mercado interno e a retomada do crescimento do PIB. Esses fatores fizeram então presidente do FED, Bem Bernanke, alegar que economias emergentes são modelos a recuperação de países centrais.

De modo geral, o atual momento da ordem internacional demonstra dois processos emblemáticos e igualmente significativos. A crise econômica e financeira mundial afeta toda economia política global. Os novos espaços de atração de recursos e investimentos forçam uma reestruturação da hierarquia do espaço mundial fundada no último quartel do século XIX, quando Japão, Estados Unidos, Itália e Alemanha romperam com a ordem global comandada pela Inglaterra. É nesse sentido que crescem as pressões sobre o modo de regulação da economia política internacional e o monopólio do uso da força em escala global. Assim como a liderança da liquidez

mundial, esses fatores definem a supremacia das potências ocidentais sobre a economia internacional. As discussões referentes ao monopólio da moeda internacional, a reestruturação do Conselho de Segurança, e a regulação econômica sinalizam uma re-hierarquização da ordem mundial. Entre os fatores que demonstram a re-emergência da América do Sul na geopolítica econômica global está a atratividade aos IED.

Enquanto nos anos 1990 o crescimento no *input* de investimento externo esteve bastante condicionado as privatizações, nos anos 2000 esse processo foi comandado pela melhora no ambiente econômico e ampliação dos mercados internos. Nos últimos trinta anos, Argentina, Brasil Chile, Colômbia e Venezuela experimentam dois períodos de forte crescimento na entrada de IED: de 1996 a 2001 e de 2004 em diante. De acordo com a CEPAL (2005, p.12) os processos de privatização foram decisivos para o *boom* de IED na América do Sul nos anos 1990. O boom iniciado em 2004 – apesar de toda região experimentar uma grande inflexão em 2009 quando os investimentos foram 42% inferior ao alocado em 2008 (CEPAL, 2009, p. 35) – está relacionado a um movimento mais sólido. Delineia-se nos anos 2000 uma tendência de entradas de IED na América do Sul, marcada pelo crescimento da participação de corporações de países em desenvolvimento. Esse crescimento é explicitado especialmente pelo mercado transfronteiriço de F&A. A média anual de aquisição realizada por corporações desses países na América Latina, que era de US\$ 1,3 bilhão entre 1991 e 2000, atinge US\$ 5,6 bilhões entre 2001 e 2010 (UNCTAD, 2011, p. 60). Entre os maiores *inputs* de IED, destacam-se aqueles oriundos da Ásia e do próprio continente.

No nível intra-regional, tanto as F&A quanto os IED voltados para *Greenfield Investment* indicam o fortalecimento de firmas translatinas no contexto de recuperação econômica. Entre 1995 e 2002, essas companhias eram responsáveis por apenas 5% das F&A intra-regionais. Todavia, no período de 2003 a 2010 a participação sobe para 36% (Op. Cit.). Apesar dos IED em F&A remeterem ao poder de corporações e potências externas na década de 1990, o crescimento dos investimentos intra-regionais evidencia o fortalecimento de companhias locais, sobretudo as brasileiras, chilenas e argentinas na América do Sul. Até 2010, as corporações transnacionais asiáticas eram investidores marginais no mercado latino-americano de F&A. Os IED provenientes desses países concentravam-se em, sobretudo *Greenfield Investment*, com participação de 10% do total das negociações nesse setor entre 2003 e 2010 (Op. Cit.).

Mas a partir de 2010 é registrada uma onda sem precedentes de investimentos no setor latino-americano de F&A realizado por países asiáticos. As aquisições realizadas por companhias asiáticas saltaram para US\$ 20 bilhões em 2010, representando 68% do total (Op. Cit.). Impressionantemente, esse valor corresponde a mais de três vezes o total acumulado pelas empresas asiáticas nas últimas décadas (Op. Cit.). Na América Latina, são os países sul-americanos que lideram a entrada de IED. Vultosos investimentos vêm sendo realizados por empresas asiáticas nos setores de petróleo, gás e energia nesses países. Duas empresas chinesas (SINOPEC e CNOOC) realizaram grandes aquisições em 2010 e 2011 no Brasil e Argentina. Empresas indianas fizeram importantes aquisições nesse período nas indústrias de gás na Venezuela e de cana-de-açúcar no Brasil (Op. Cit.). A posição internacional da América do Sul é evidenciada pela comparação com o volume de IED em outras regiões.

Apesar de distante da União Europeia e América do Norte no volume de *input* e *output* de investimento externo, o continente tem adquirido relevância nas últimas décadas. O estoque sul-americano de IED em outros continentes saltou de US\$ 49,3 bilhões em 1990, para US\$ 96,0 bilhões em 2000 e US\$ 307,4 bilhões em 2010. O estoque de IED na região saltou de US\$ 74,8 bilhões em 1990 para US\$ 309,0 bilhões em 2000 e US\$ 899,5 bilhões em 2010. O volume de 2010 é pouco inferior ao do Sudeste Asiático, com estoques no valor de US\$ 938,4 bilhões. Se o crescimento na entrada de IED na América do Sul foi marginal em comparação às regiões que comandam a economia geopolítica mundial – com América do Norte, UE e Ásia Oriental acumulando respectivamente US\$ 4,0 trilhões, US\$ 6,8 trilhões e US\$ 1,8 trilhão em 2010 – o continente superou o Oriente Médio e Ásia do Sul. Essas duas regiões acumularam respectivamente estoque de US\$ 575,2 bilhões e US\$ 260,9 bilhões em 2010 (Op. Cit.). Em 2010, o volume de IED sul-americano no mundo superou os US\$ 97,1 bilhões da Ásia do Sul e os US\$ 161,0 bilhões do Oriente Médio, ficando atrás do Sudeste Asiático que acumulou US\$431,5 bilhões. Esta região apresenta grandes semelhanças com a América do Sul no crescimento do *input* e *output* do IED.

O crescimento do volume de IED, apesar de ser um importante indicador para o exame do lugar da América do Sul entre as regiões com maior poder de atração de capital e investimento, também evidencia fragilidades históricas. O atual crescimento das F&A corrobora a tese da expansão das firmas asiáticas em detrimento das empresas

e sul-americanas. Enquanto o continente foi uma área de hegemonia das corporações globais nos anos 1990, hoje é um espaço de expansão do capitalismo de corporação da China e outras potências asiáticas. À semelhança dos Estados Unidos até os anos sessenta, os interesses corporativos chineses atuais estão em consonância com a expansão geopolítica do país em regiões periféricas. O lugar da América do Sul na economia global tem sido marcado pela emergência de uma nova dependência. Malgrado o sucesso que os países da região têm tido com as políticas de recuperação das economias com um papel mais ativo dos governos, a atual onda de crescimento é em grande parte, um fenômeno a reboque do desenvolvimento asiático.

A retomada do crescimento econômico das principais economias sul-americanas coincide com a fulminante elevação dos preços das *commodities* internacionais. O crescimento acompanha o forte movimento de ampliação das exportações de *commodities* agrícolas. A tendência subordina os países sul-americanos ao avanço da industrialização no Pacífico Asiático. O continente tem fortalecido a condição de consumidor de manufaturas dessa região enquanto perpetua a situação de exportador de produtos primários, fator decisivo para traçar sua posição internacional.

Este é um aspecto fundamental dentro da re-hierarquização da economia política mundial. Ainda que os países desenvolvidos se mantenham no topo das cadeias de inovação tecnológica, subordinando toda produção industrial das economias emergentes, o Pacífico Asiático avança a passos largos na agregação de valor em suas mercadorias industrializadas. Nesse contexto de competição, os países sul-americanos se caracterizam pelo baixo investimento em P&D. O Brasil investe abaixo de 1% do PIB em inovação enquanto a Argentina 0,4% (FELDMANN, 2007, p. 108). Os EUA gastam em torno de 2,7%, Alemanha, 2,3%, França, 2,2%, Japão e Coreia do Sul 2,9%. O investimento Chinês alcançou os 2,0% do PIB em 2007 (OCDE, 2007, p. 20). Segundo estudo do *Center For Strategic And International Studies* e do *Institute For International Economics* (CSIS/IIE, 2006), em 2005 as exportações chinesas de produtos de alta tecnologia alcançaram US\$ 220,0 bilhões, correspondendo 1/3 de suas exportações; aumento de mais de 100 vezes em relação 1989.

A partir dos anos 1950, os países latino-americanos começaram a produzir bens de consumo duráveis e bens intermediários com maior complexidade tecnológica (FELDMANN, 2007). Os governos sul-americanos passaram a investir em P&D,

destacando-se no Brasil o Centro Tecnológico da Aeronáutica (CTA), responsável pelo sucesso da Embraer, e a Embrapa, que permitiu a revolução na produtividade agrícola. Apesar desses esforços, segundo Feldmann (Op. Cit.) a Embraer é única empresa de alta tecnologia sul-americana. No Brasil e Argentina, esforços visando o desenvolvimento tecnológico cessaram com o colapso do modelo militar. As crises das últimas décadas contribuíram para a estagnação dos investimentos em ciência e tecnologia.

O enfraquecimento da geopolítica brasileira de base tecno-industrial é um dos aspectos de fragilização não apenas do país, mas da América do Sul. A inovação, ao permitir a transformação da produção, do consumo, e, portanto, dos empreendimentos e dos negócios – um processo dentro daquilo que Joseph Schumpeter (2008) denomina de destruição criativa – radicalizou o modelo de geopolítica baseado na economia destacada por Mackinder (1942). Enquanto a inflação e a dívida subordinavam toda América do Sul à geopolítica das potências centrais, os países asiáticos em desenvolvimento galgaram posições em setores estratégicos. O surgimento de empresas globais nos setores automotivo e eletroeletrônico na China e Sudeste Asiático indica a ampliação da dependência tecno-industrial sul-americana para além dos Estados Unidos, Europa e Japão. Estudos da *Booz Allen Hamilton* (2006; 2010) demonstram que esses dois setores estão entre os que mais investem em P&D.

Os países asiáticos estão sendo capazes de absorver a destruição criativa que transformou o capitalismo nas últimas décadas, ao mesmo tempo em que usam o desenvolvimento tecno-industrial como um poderoso meio de projeção internacional. Os acordos de livre-comércio assinados por Peru, Chile e Colômbia, com países mais industrializados na Ásia-Pacífico reforçam a condição de economias primário-exportadoras. A abertura comercial, sobretudo com a China e os Estados Unidos, não funciona somente com uma força de fragmentação sul-americana. Chile e Peru são dois casos emblemáticos de países que optam por uma estratégia de liberalização do comércio a partir de vantagens comparativas baseadas na atividade primário-exportadora.

Essa estratégia, ainda que seja importante para destravar o comércio exterior nos setores onde esses países são mais competitivos, subordina a América do Sul à uma estratégia informacional conduzida pelas grandes potências mundiais e por economias asiáticas em ascensão. Na ausência de políticas agressivas de desenvolvimento e

inovação tecnológica, esse caminho pode se tornar predominante também para as economias do Brasil e Argentina. São os novos países industrializados da Ásia que mais forçam a especialização produtiva sul-americana no setor primário-exportador.

A integração comercial da América do Sul com essa região é importante para diminuir a dependência econômica em relação às potências ocidentais. Mas se por um lado a Europa e os Estados Unidos são protecionistas em relação ao setor agrícola, por outro são os principais consumidores de produtos industrializados dos países sul-americanos. Historicamente, a União Europeia tem sido o maior destino da exportação brasileira de manufaturas. O histórico do comércio com esse bloco evidencia que a exportação de produtos industrializados tem sido superior à dos setores agrícola e mineral. Os manufaturados representaram 50,2% das exportações brasileiras à União Europeia em 2010.

No MERCOSUL as exportações intra-regionais mostram uma alta taxa de crescimento, assim como um padrão de especialização mais diversificado. O comércio vem gerando, desde sua criação, processos de desvio de comércio. Constatase um processo de regionalização através da expansão das exportações de setores em que países membros não gozam de vantagens comparativas em relação a outros mercados.

Esse é o caso de produtos químicos e plásticos, as maquinarias e a indústria automotriz e de componentes para veículos. Em primeiro lugar, há aqueles analistas que consideram que a existência de comércio sul-sul de produtos manufaturados intensivos em capital, que não se estende a terceiros mercados, poderia se refletir num desvio ineficiente de comércio. Esse tipo de intercâmbio deveria ser restringido ou eliminado em prol de uma divisão internacional do trabalho em que cada economia produz aqueles bens em que é altamente eficiente em termos de vantagens comparativas.

No caso do MERCOSUL, isso significa que deveria produzir mais bens intensivos em trabalho, exportar esses bens e importar mais bens intensivos em capital. O MERCOSUL não possui um projeto de desenvolvimento da estrutura produtiva conjunto e harmonizado. A falta de projetos comuns a longo prazo faz com que o país de economia mais dinâmica do bloco, o Brasil, se beneficie em maior medida dos processos de aprendizado. Os maiores incentivos a capacitação tecnológica e melhoria da qualidade produtiva no país tem diminuído a brecha em matéria de recursos humanos

que historicamente favorecia a Argentina. A isso se soma também o acesso ao crédito, onde as condições são muito mais favoráveis para as exportações brasileiras.

No que se refere ao tipo de comércio existente no MERCOSUL, destaca-se, entre os maiores países, um intercâmbio interindustrial em ramos como maquinaria, material de transporte e indústria química. Trata-se de um comércio intrafirma, onde as transnacionais tendem a se especializarem em linhas de produtos, complementando-se com outras filiais no interior do MERCOSUL. Essa realidade não faz parte das pequenas e médias empresas que tem acessado apenas marginalmente as vantagens do bloco. Mas em todo caso, esses aspectos constituem uma conjuntura regional que favoreceu não apenas as exportações, mas a atuação de continental de empresas brasileiras.

2- América do Sul como principal destino de investimento das empresas brasileiras

A América do Sul se constitui num espaço importante para a expansão das empresas brasileiras. A região absorve 20% das exportações brasileiras, sendo importante sobretudo pelo fato de que a maior parte desse consumo é constituída de bens e serviços de alto valor agregado, o que garante superávit ao Brasil com toda região.

A integração com a América do Sul consolidou a região como principal destino de investimento de empresas brasileiras no exterior. Além dos recursos já mencionados, os maiores desembolsos do BNDES estão relacionados a obras de infraestrutura de geração de energia, transporte e saneamento. As principais empresas beneficiadas são construtoras e fornecedoras de equipamentos, fabricantes de dutos para gás e petróleo, fornecedores de máquinas, equipamentos e materiais de transporte. No período 2001-2010 o financiamento do BNDES para obras de empresas brasileiras no exterior passou de U\$ 194,5 milhões para U\$ 1,3 bilhão. As empresas que concentram essas operações são as construtoras Andrade Gutierrez, Camargo Corrêa, OAS.

Na década passada, as fragilidades do modelo de integração regional em torno do MERCOSUL foram atenuadas principalmente pela ampliação de investimentos brasileiros. A atuação das grandes corporações nacionais exerce contrapeso à dominação comercial do país. Com as dificuldades enfrentadas para reduzir saldos comerciais favoráveis ao Brasil, sobretudo pelas menores economias, o crescimento dos

investimentos estrangeiros realizados pelas multinacionais é importante por mitigar os efeitos negativos da projeção comercial. Algo impensável há algumas décadas, grandes empresas brasileiras se tornaram importantes multinacionais, com espaço de atuação privilegiado na América do Sul. No mundo dominado por megacorporações norte-americanas, europeias, japonesas e coreanas, companhias nacionais têm realizado investimentos massivos em vários países sul-americanos nas últimas décadas.

Como demonstra estudo da KPMG (2008, p. 01-20), esse poderio econômico vai além das *commodities* minerais e agrícolas, projetando-se no setor de indústria e serviços. Dentre as maiores companhias brasileiras com atuação na América do Sul, destacam-se a presença da Petrobras em nove países, da Camargo Correa em oito, da Gerdau em seis, da CVRD e da Votorantim em quatro e da JBS em três. Além dessas, outras de destaque como AmBev, Natura, Odebrecht, Multibrás, Tigre, Banco do Brasil, Itaú, Marcopolo, Tramontina e Andrade Gutiérrez têm forte atuação no continente.

Segundo relatório do Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento (CINDES, 2010, p. 07), o atual crescimento dos investimentos diretos das empresas brasileiras está relacionado a alguns fatores: a busca por condições estáveis de acesso a mercados; a defesa frente às mudanças cambiais; o aproveitamento de recursos naturais; e, as vantagens conferidas pelas preferências comerciais negociadas por países da região com mercados extracontinentais. De fato, são os interesses corporativos que mais estimulam a continentalização das redes empresariais brasileiras.

Mas esse processo não resulta somente do movimento “espontâneo” propiciado pela integração. Faz parte de uma política deliberada conduzida pelo Estado brasileiro. O Ministério das Relações Exteriores (MRE) “... entende que, daqui para adiante, os investimentos diretos brasileiros tendem a assumir uma posição cada vez mais importante nas relações econômicas do Brasil com seus vizinhos...” (RIBEIRO & LIMA, 2008, p. 37). Como demonstra um importante estudo elaborado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI, 2007) o Brasil começa a recuperar a partir de 2004, o espaço perdido no final da década de 1990, ampliando sua participação nos fluxos de investimentos internacionais. Em 2007 já ocupava a posição de segundo maior investidor externo entre os países em desenvolvimento (RIBEIRO & LIMA, 2008, p. 06). De acordo com outro estudo, realizado pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2009), o Brasil é o maior investidor

estrangeiro da América do Sul. Só em 2009, o BNDES disponibilizou mais de US\$ 8 bilhões para a expansão internacional das empresas nacionais (UNCTAD, 2010, p. 48-49).

Nos últimos anos, destacam-se os empréstimos do banco para Venezuela, Argentina, Equador, Peru, Bolívia, Uruguai e Paraguai (SOUZA, 2010, p. 13). Os créditos mais vultosos têm sido aqueles voltados para o financiamento de grandes obras infraestruturas urbanas e regionais. É comum esses empréstimos estarem relacionados a atuação de firmas brasileiras, como é o caso da Odebrecht na construção de 3 linhas do metrô da cidade de Caracas. O caso da atuação da empreiteira na Venezuela é apenas um dos que demonstram que o suporte do Estado não está atrelado somente as firmas estatais. Segundo estudo da UNCTAD (2010, pp. 48-49) há mais de 900 firmas nacionais com investimentos no exterior, envolvendo desde grandes companhias como Gerdau, Embraer e Votorantim, até as médias empresas.

3- Considerações Finais: Relações Entre Geopolítica e Atuação Continental das Firmas Brasileiras

As grandes firmas nacionais, sobretudo as do setor de energia, construção civil e siderurgia, têm atuado em toda América do Sul como braços geopolíticos do Brasil. O apoio do BNDES corrobora a tese de que há uma consonância entre os interesses das redes de produção e distribuição das empresas e as redes de poder do Estado. Esta é a base da geopolítica empreendida pelo Brasil no continente. Todavia, como mostra o caso contemporâneo das grandes firmas brasileiras, o papel atual das corporações globais não é idêntico ao que exerceram em boa parte da Guerra Fria. Principalmente com o enfraquecimento do Estado, as corporações têm poder cada vez maior.

Mesmo que exista um atrelamento entre os interesses das maiores potências e os de suas firmas globais, as redes de produção e distribuição são também resultado de demandas específicas da economia. Esse raciocínio não tem relação com o antigo esquema de “captura do Estado” pelo capital que tanto marcou teorias de leninistas e sociais-democratas (AGNEW, 1998, p. 118). Mantém-se a consonância entre corporações e Estados em determinadas questões, sem esquecer que as demandas corporativas são cada vez mais complexas como demonstra Castells (1999). A projeção

regional de empresas brasileiras nem sempre está subordinada aos interesses estratégicos do Estado brasileiro, predominando muitas vezes a busca por vantagens somente corporativas como demonstra o estudo supracitado do CINDES (2010).

A projeção continental das empresas brasileiras nem sempre funciona como força centrípeta a integração sul-americana. Muitas vezes, as firmas nacionais são associadas pelos países vizinhos a uma manobra imperialista. Essa dimensão se tornou bem conhecida com a eclosão da crise entre Brasil e Bolívia em 2006. A nacionalização do setor de hidrocarbonetos e o conseqüente cancelamento dos contratos da Petrobras, cujas atividades em solo boliviano correspondiam a 18% do PIB do país (DUARTE, SARAIVA & BONÉ, 2008, p. 92), evidenciam que as assimetrias podem comprometer a posição sul-americana do Brasil. As assimetrias entre o gigantismo da corporação brasileira e a economia de países como a Bolívia são reveladoras. O PIB boliviano de US\$ 18,9 bilhões em 2010 (*WorldBank Databank*, 2011) equivale a apenas 9,9% do valor de mercado da Petrobras no mesmo ano, que segundo a revista Forbes (2010) é de US\$ 190,3 bilhões. A crise entre Brasil e Equador eclodiu em 2008, quando o governo de Rafael Correa se recusou a pagar o empréstimo de US\$ 242,9 milhões concedidos pelo BNDES através da Odebrecht. Inicialmente, a posição equatoriana foi uma reação aos problemas estruturais registrados pela hidrelétrica de San Francisco, construída pela empresa brasileira. Apesar da superação da crise bilateral e o retorno da Odebrecht ao país em 2010, a nova propensão de atritos políticos foi consolidada. Governos de esquerda na região têm se mostrado propensos a conflitos quando assimetrias afetam setores estratégicos nacionais.

A ampliação da superioridade comercial e econômica confirma que o Brasil vem de fato se consolidando como *hegemon* sul-americano. A crise financeira internacional contemporânea e o conseqüente enfraquecimento das potências mundiais o tornam uma das principais fontes de recursos na América do Sul, região onde a maioria dos países é bastante dependente de financiamento externo. Através do BNDES, o Brasil tem pouco a pouco, ocupado o papel das grandes potências e instituições supranacionais no continente. Mas as crises com as menores economias sul-americanas revelam mais do que novas orientações trazidas por governos nacionalistas nos últimos anos. Alguns dos conflitos entre o país e os seus vizinhos têm relação direta com resquícios do expansionismo militar. Em alguns aspectos, a continentalização de empresas nacionais

guarda semelhança com o modelo militar de projeção continental do país. À medida que essas companhias, sustentadas pelo financiamento do Estado, assinam acordos que não sejam favoráveis a todas as partes envolvidas, abre caminho para o questionamento da própria liderança continental do Brasil.

De certo modo, o sentido de cooperação – a base de legitimação da nova política regional – é ameaçado. Essas situações continuarão exigindo do Brasil um grande esforço diplomático. A disposição de recrudescer uma política centrada nos interesses nacionais atenderia reivindicações de setores políticos e econômicos nacionais, mas poria em risco a integração sul-americana. Essa posição poderia trazer de volta o equilíbrio regional de poder, com os países mais fracos se aliando, de modo formal ou informal, contra o modelo de política continental liderado pelo Brasil. A política continental fundada na cooperação não existe sem custo. A única forma de o Brasil manter a legitimidade, mesmo em relação a conflitos bilaterais, seria aprofundar instituições de combate as assimetrias. A liderança e a posição de “representante regional” na arena internacional não exigem outro caminho senão o combate às disparidades.

Referências Bibliográficas

- Agnew, J. (1998) *Geopolitics: Re-visioning World Politics* (first ed.) London: Routledge.
- Booz Allen Hamilton (2006). Smart Spenders. The Global Innovation 1000 [em linha]. *Booz Allen Hamilton. Web Site* Acessado em Outubro, 10, 2009, em http://www.strategyand.pwc.com/media/file/smart_spenders_2_2007.pdf
- Booz Allen Hamilton. (2010) The Global Innovation 1000 How the Top Innovators Keep Winning [em linha]. *Booz Allen Hamilton. Web Site*. Acessado em Junho, 18, 2011, em http://www.strategyand.pwc.com/media/uploads/Strategyand_Global_Innovation_1000_2010_How_Top_Innovators_Keep_Winning.pdf
- Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento (2007). Força-Tarefa: O Brasil na América do Sul (Relatório Final) [Em linha]. *Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento. Web Site*. Acessado em Dezembro 20, 2010, em http://www.cebri.org/midia/documentos/377_PDF.pdf

Comissão Econômica para a América Latina e Caribe. (2009). La Inversión Extranjera en América Latina y el Caribe [em linha]. *Comissão Econômica Para a América Latina e Caribe. Web Site* Acessado em Novembro, 19, 2010, em <http://www.cepal.org/es/publicaciones/1140-la-inversion-extranjera-directa-en-america-latina-y-el-caribe-informe-2009>.

Comissão Econômica para a América Latina e Caribe. (2005). Investimento Estrangeiro na América Latina [em linha]. *Comissão Econômica para a América Latina e Caribe*. Acessado em Maio, 12, 2010, em <http://repositorio.cepal.org/>

Feldmann, P. R. (2007). A Relação entre Espaço Geográfico e o Surgimento de Inovações Tecnológicas: O Caso das Empresas Latino-Americanas de Grande Porte. *Geosp – Espaço e Tempo*, (21),103-118.

KPMG. (2008) Multinacionais Brasileiras. A Rota dos Investimentos Brasileiros no Exterior (em linha). *KPMG. Web site*. Acessado em Setembro, 30, 2011, em http://www.kpmg.com.br/publicacoes/tax/Multinacionais_Brasileiras_08_portugues.pdf

Mackinder, H. (1942). *Democratic Ideals and Reality* (First Edition). New York: Henry Holt and Company.

Scherer, A. L. F. (2004). Investimento direto estrangeiro, fusões e aquisições e desnacionalização da economia brasileira: um balanço da década do Plano Real. *Indic. Econ. FEE*. 32 (10), 107-128.

STIGLITZ, J. E. (2001) Foreword. In: POLANYI, K. *The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time* (VII-XVII). Boston: Beacon Press.

United Nations Conference on Trade and Development (2009). World Investment Report. Transnational Corporations, Agricultural Production and Development [em linha]. United Nations Conference on Trade and Development. Acessado em Agosto, 13, 2010, em http://unctad.org/en/Docs/wir2009_en.pdf

United Nations Conference on Trade and Development (2010). World Investment Report. Investing in a Low-Carbon Economy [em linha]. *United Nations Conference on Trade and Development. Web Site*. Acessado em Novembro, 17, 2010, em http://unctad.org/en/Docs/wir2010_en.pdf

United Nations Conference on Trade and Development (2011). World Investment Report. Non-Equity Modes of International Production and Development [em linha].



III Encuentro de las Ciencias Humanas y Tecnológicas para
la integración de la América Latina y el Caribe Internacional del Conocimiento: Diálogos en Nuestra América

United Nations Conference on Trade and Development. Web site. Acessado em
Outubro, 05, 2011, em http://unctad.org/en/Docs/wir2011_en.pdf

A AMÉRICA LATINA COMO MERCADO DE EXPORTAÇÃO PARA AS EMPRESAS DOS MUNICÍPIOS MAIS INDUSTRIALIZADOS DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE BAURU

Eli Fernando Tavano Toledo, Doutor em Geografia pela UNESP - *campus* – Rio
Claro

Professor EBTT no IFSULDEMINAS – *Campus* Poços de Caldas
eli.toledo@ifsuldeminas.edu.br

Resumo: Após a década de 1990, o comércio global se intensificou de modo exponencial, o fenômeno afetou não apenas as regiões mais dinâmicas do espaço brasileiro, mas, também áreas contíguas a esses espaços. O objetivo principal nesse artigo é a relação das empresas dos municípios mais industrializados da Região Administrativa de Bauru – SP com o mercado internacional mais próximo territorialmente, que é a América Latina. Os municípios contemplados na presente pesquisa são: Agudos, Bariri, Barra Bonita, Bauru, Jaú, Lençóis Paulista e Pederneiras que, juntos, constituem uma expressiva aglomeração territorial, urbana e econômica no interior do Estado de São Paulo. Através de dados coletados diretamente nas empresas envolvidas no estudo e em instituições ligadas ao comércio externo e a dados econômicos pôde-se obter metodologicamente uma compreensão dos sistemas de objetos e de ações presentes na formação de uma atividade comercial e produtiva do espaço geográfico da RA de Bauru com a América Latina. O artigo é amparado pelas teorias e conhecimentos desenvolvidos pela Geografia Econômica de ordem Internacional, nacional e regional.

Palavras-chave: Região Administrativa de Bauru – Exportação - América Latina

Resumen: Después de la década de 1990, el comercio mundial se ha intensificado de manera exponencial, el fenómeno no sólo afectaba a las regiones más dinámicas del territorio brasileño, sino también las áreas adyacentes a estas zonas. El objetivo principal de este artículo es una lista de empresas de las ciudades industrializadas región administrativa (RA) de Bauru - SP con el mercado internacional más cerca geográficamente, que es América Latina. Los municipios incluidos en este estudio son: Agudos, Bariri, Bonita, Bauru, Jau, Paulista y Pederneiras que en conjunto constituyen una aglomeración territorial significativa, urbano y económico dentro del Estado de São Paulo. A través de los datos recogidos directamente de las empresas que participan en el estudio y las instituciones vinculadas con el comercio exterior y los datos económicos, fue posible obtener metodológicamente una comprensión de sistemas de objetos y acciones presentes en la formación de una actividad comercial y la producción del espacio geográfico de la RA Bauru con América Latina. El artículo se apoya en las teorías y conocimientos desarrollados por la Geografía Económica orden internacional, nacional y regional.

Palabras clave: Región Administrativa de Bauru - Exportaciones - América Latina.

Introdução

No presente artigo, debruçamo-nos sobre um espaço amplamente modificado pela atividade humana desde o século XIX, quando a atual Região Administrativa (RA) de Bauru serviu como área de expansão do capitalismo, ao se transformar produtora de café para os mercados centrais na fase do capitalismo industrial. A partir desse momento, esse espaço se inseriu nas redes de trocas e de influências não apenas regionais e nacionais, mas, também, internacionais. Na última década, essa RA tem se distinguido como uma das áreas que recebe muitos investimentos industriais no Estado de São Paulo.

Nosso objetivo principal, a saber, é o estudo do envolvimento das principais indústrias da RA de Bauru com o comércio externo, principalmente a América Latina, e suas manifestações nos principais municípios da área. Com o desenvolvimento da pesquisa pôde-se notar a relevante participação do comércio externo para a região, especialmente a relação com os países da América Latina, pois se evidenciou a força da proximidade geográfica e facilidade linguística. Entretanto é notória a demanda reprimida que a existe na relação comercial entre a RA de Bauru com os países da América Latina, seja pela precariedade e instabilidade dos acordos, fragilidade das infraestruturas de transportes e desconhecimento do potencial econômico-cultural da América Latina.

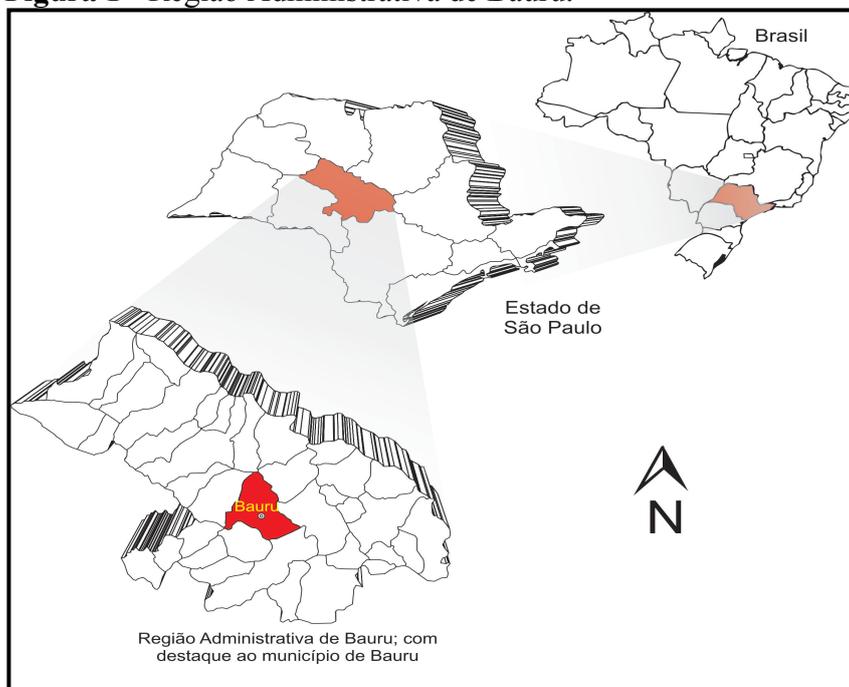
A área de abrangência do presente estudo é a Região Administrativa de Bauru, porém, não em sua totalidade, e sim restrita aos principais municípios da região e, notadamente, àqueles que têm maior desenvolvimento industrial e sua relação com as exportações, especialmente com a América Latina. A escolha das cidades selecionadas faz parte dos estudos anteriormente realizados sobre a industrialização do município de Bauru (TOLEDO, 2009) e a industrialização dos municípios mais industrializados da RA de Bauru (TOLEDO, 2013). Os municípios contemplados na presente pesquisa que trata do comércio externo são: Agudos, Bariri, Barra Bonita, Bauru, Jaú, Lençóis Paulista e Pederneiras que, juntos, constituem uma expressiva aglomeração territorial, urbana e econômica (fig.1).

A pesquisa qualitativa foi efetivada por entrevistas e formulários respondidos por atores representantes da atividade industrial da região e órgãos públicos ligados

diretamente com o setor secundário. Para determinar e apreender os dados, foram aplicados formulários para as empresas escolhidas nas cidades de estudo e, também, formulários e entrevistas para os secretários de desenvolvimento de cada município contemplado. As empresas selecionadas de cada cidade foram definidas como as maiores e mais representativas. **(Material e método)**

Dessa forma, no universo industrial da RA de Bauru, a pesquisa de campo, para o doutoramento, contemplou 51 importantes empresas (quanto ao número de empregados e influência econômica) dos municípios de Bauru, Jaú, Lençóis Paulista, Pederneiras, Agudos, Barra Bonita e Bariri, entretanto nem todas, mesmo de grande porte, possuem relações comerciais internacionais.

Figura 1 - Região Administrativa de Bauru.



Fonte: Elaboração de Leonardo Thomazini e do autor, 2012.

Atualmente, o corpo teórico utilizado pela Geografia Econômica para explicar a força da atividade produtiva na transformação do espaço não mais se digladia com a questão: qual escola melhor explica e interpreta a situação momentânea? As complexas mudanças socioeconômicas do mundo atual não cabem em um tipo de visão apenas, há a necessidade de buscar novas, integradas e diversas interpretações, ou seja, um pluralismo teórico. Esse novo entendimento teórico-interpretativo é enfatizado por MARTIN (1994):

Precisamos desesperadamente de novos mapas cognitivos da paisagem econômica, para não falar em novas estratégias políticas de intervenção dessa paisagem. Não queremos com isso defender o estabelecimento de um novo conceito-mestre ou narrativa da dinâmica da localização industrial ou do desenvolvimento regional. Em vez disso, o programa de trabalho deveria ser o da reconstrução da Geografia Econômica que é muito mais multidimensional, multivocal e de múltiplas perspectivas. (MARTIN, 1994, p. 56)

Nesse contexto, não se pode dizer que temos aqui “uma” teoria de base, mas sim que recorremos a um quadro teórico plural que integra vários temas e visões, buscados em fontes diversas. Ou, em outras palavras, vários “pilares” teóricos deverão representar uma fundamentação coerente para nossa construção explanatória, “pilares” que não devem ficar incomunicáveis, isolados, entre si, mas sim integrados, sempre que possível; apenas assim se justifica o uso de um pluralismo teórico (HASSINK & KLAERDING, 2012).

Como um primeiro fundamento, e como característica importante para esta análise, o Sistema Capitalista merece destaque, pois, em sua evolução, usufruiu de e foi influenciado por um espaço gradativamente mundial, constituído por áreas centrais e áreas marginais, ambas importantes, para produção e reprodução do sistema hegemônico atual. O processo de desconcentração industrial da metrópole paulistana também tem que ser inserido na análise. Da mesma forma, as cidades pesquisadas possuem aspectos socioeconômicos que indicam a tipificação como cidades médias, assim o presente estudo necessita da luz proveniente das teorias que avaliam a importância desses aglomerados urbanos. Como instrumentos e vetores da atividade geográfica-econômica, os meios de transportes exercem influência fundamental na industrialização e comércio da área, por isso, a Geografia dos Transportes pode desempenhar importante papel na tentativa do entendimento da atuação dos modais nos municípios estudados. E, por fim, a governança voltada para o comércio externo das principais empresas nos municípios da RA de Bauru.

O desenvolvimento industrial do recorte espacial em tela está atrelado à força e desdobramentos da atividade agropastoril histórica (agricultura de auto sustento, cafeicultura, algodão e cana-de-açúcar) e pouco se aproveitou da desconcentração industrial ocorrida a partir da metrópole paulistana (entre as décadas 1960-1990), esse fenômeno não impactou com veemência o “oeste longínquo paulista” (TOLEDO, 2009; SELINGARDI – SAMPAIO, 2009).

Essas áreas continuaram a ter como agentes econômicos preponderantes elementos locais, agropecuária e agroindústrias. O café e o algodão, que foram indutores das primeiras atividades, foram sendo acompanhados da pecuária, cana, soja e laranja. A força econômica de cada cidade, fora da área de grande concentração industrial, promoveu a criação de muitas empresas de capital local, pois o difícil acesso e a distância da capital favoreciam os empreendimentos que objetivavam o abastecimento local.

O comércio externo a região, seja ele estadual, nacional e internacional, precocemente teve seus impactos na região. A atividade cafeicultora influenciou na ocupação e posse do território, no crescimento demográfico, na criação de infraestruturas, singularmente o modal ferroviário e integrou extemporaneamente a RA de Bauru ao comércio em suas várias escalas. A saber, a região já contava com o escoamento da produção de café desde a primeira década do século XX. As companhias Sorocabana e Paulista ligavam Bauru e a região ao porto de Santos alargando a expressiva *hinterlândia* da cidade portuária. Para o lado oeste do Brasil e sua fronteira com a Bolívia, o governo federal construiu a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil que alcançava a cidade boliviana de Santa Cruz de La Sierra (SETTI, 2008).

Descrição (relato de caso)

A evolução dos meios de comunicação e transporte permitem relações “imediatas” com os mais diversos mercados do planeta, possibilitando uma amplitude significativa de negócios. Mesmo o Brasil, considerado um dos países mais fechados ao comércio global, foi afetado pela nova configuração global imposta a partir dos anos 1990.

Esse cenário incrementou a competição comercial entre as nações e suas empresas, as companhias estrangeiras puderam aumentar seu espaço de atuação e as empresas nacionais vislumbraram oportunidades de expansão e atuação, mas por outro lado sofreram pesado ajuste em sua administração e estratégia.

A internacionalização da economia é motivo de intensa discussão teórica e debate ideológico. Atitudes políticas em relação ao comércio externo são comandadas por agentes econômicos, instituições supranacionais, grupos sindicais, intelectuais e partidos políticos, esse embate pode privilegiar grupos estrangeiros, grupos nacionais

(sindicatos e oligopólios empresariais) ou caprichos de posturas ideológicas e intelectuais (GIAMBIAGI & SCHWARTSMAN, 2014). O presente artigo não pretende discutir essas posturas e sim indicar alguns impactos positivos que as exportações e importações acarretam as empresas. A análise da literatura (O'NEILL, 2012; PORTER, 1990; SCOTT, 1986; STORPER, 1989) que trata sobre o choque do comércio global nas empresas nacionais demonstra as seguintes feições benéficas:

- Modernização para competir com novos mercados ou para preservar o mercado interno;
- melhoria da qualidade do produto. Devido à adaptação as exigências do mercado de destino, o que induz a aperfeiçoá-lo;
- aumento de tecnologia, as exigências de normas e procedimentos dos mercados compradores dos seus fornecedores são incorporadas e passam a ser comuns e, assim, os seus intercâmbios com países, ou com o mercado interno serão feitos nos mesmos patamares;
- ampliação da carteira de negócios. Com clientes nos mercados externo e interno a empresa se protege contra crises cíclicas;
- redução da dependência da sazonalidade. A diversificação de mercado reduz a sazonalidade do produto, pois os climas se invertem nos hemisférios norte e sul;
- aumento quantitativo e qualitativo da produção;
- maior capacidade de negociação para a compra de matéria-prima. Os fornecedores também se tornam globalizados;
- qualificação da mão de obra, aumento da produtividade e agregação de valor a marca.

(<http://www.aprendendoaexportar.gov.br>, 2015)

Por outro lado, o temido lado das importações na balança comercial, também pode trazer feições positivas, pois nenhum país possui um parque industrial autossuficiente, o comércio com outras nações sempre ocorrerá e auxiliará o desenvolvimento do país. Neste sentido, a importação pode associar os seguintes benefícios:

- Melhoria de qualidade dos produtos;
- aumento de base de fornecedores – diminuição da dependência de fornecedores do mercado interno;
- contato com novas tecnologias;

- aumento de flexibilidade de produção;
- melhoria imagem da empresa no mercado;
- desenvolvimento de parcerias;
- controle da inflação e qualidade de abastecimento.

(<http://www.ibsolutions.com.br>, 2015)

O avanço da tecnologia, dos transportes e meios de telecomunicações ofereceu oportunidades globais para as empresas transformarem fatores locais em potencialidades produtivas mundiais. Como já enunciado, os meios de transportes são infraestruturas imprescindíveis para a transformação do espaço realizada pelos seres humanos. No presente trabalho, os meios de transportes assumem papel fundamental na busca de respostas aos problemas colocados e para o entendimento do setor industrial de alguns municípios mais industrializados da Região Administrativa de Bauru.

A Geografia Econômica, especialmente a Industrial, sempre levou em conta a importância dos meios de transportes para o entendimento do espaço produtivo. A relevância do tema é tamanha que os modais se tornam um fator locacional para a atração de empresas e uma forma de indução da atividade econômica. Silveira indica como o estudo dos transportes esteve ligado à evolução da economia clássica e à Geografia Econômica clássica:

Entre eles, destacam-se os clássicos sobre ordenamento do território, como círculos concêntricos de Von Thünen (1826); a localização industrial de Alfred Weber (1909); as localidades centrais de Walter Christaller (1933); os sistemas de cidades, a localização industrial e a demografia de August Lösch (1940); os polos e eixos de desenvolvimento de François Perroux (1949); o insumo – produto de Walter Isard (1972); a teoria de causação circular cumulativa de Myrdal (1957); a análise do processo de polarização de Hirschman (1958) e as lógicas de organização espacial (distribuição e segregação residencial) dos espaços urbanos de Burges (1925), de Khol (1941) e de Hoyt (1939), assim como os espaços interurbanos de Reilly (1929). (Silveira, 2011, p.36).

Por tudo isso, a Geografia Econômica manteve-se bastante vinculada à Geografia dos Transportes, que tem por objetivo estudar os meios e sistemas de transportes e os impactos por eles gerados no espaço. Além disso, a teoria geográfica sobre os modais de transportes sempre analisou as inter-relações socioeconômicas entre grupos populacionais e seus modos de produção.

Os meios de transportes e suas infraestruturas desempenharam e desempenham grande influência no espaço e na efetivação do território. Todos os modais possuem poder para fortalecer a economia de uma região e trazer benefícios para a sociedade. Na Região Administrativa de Bauru, os municípios mais industrializados se beneficiam de uma infraestrutura servida por vários modais (rodovia, aerovia, hidrovía, gasoduto e ferrovia) (Fig.2), talvez única no estado paulista.

A Região Administrativa de Bauru está inserida em um sistema de circulação de escala regional, estadual e nacional de grande intensidade, através de entroncamento rodoferroviário, hidroviário e aeroviário. Assim, é possível analisá-la pelos seus modais tradicionais, entretanto, se utilizarmos a proposta mais ampla da Geografia da circulação, transportes e logística, pode-se alcançar resultados mais exitosos.

A região estudada é servida pelos seguintes modais

- Ferroviário: Antiga Noroeste do Brasil, atualmente administrada por concessão pela América Latina Logística(ALL); antiga Paulista, também administrada pela ALL.
- Rodoviário: Rodovia Marechal Rondon (SP – 300); vicinais de interligação e Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros (SP 225).
- Dutoviário: Gasoduto Brasil – Bolívia, distribuído, por concessão, pela empresa Gás Brasileiro.
- Aeroviário: Aeroporto Estadual Moussa Tobias (Bauru – Arealva).
- Hidroviário: Hidrovía Tietê – Paraná.

Para aumentar a complexidade das redes e estreitar com a teoria apresentada por Silveira (2011), pode ser acrescentado que as cidades da região estão servidas por rede de banda larga e cabeamento de fibra ótica, além de a área ter cobertura das principais operadoras de telefonia móvel do país; desse modo, a circulação e as inter-relações se intensificam, não apenas pelos meios tradicionais, mas, também, pelas estratégias logísticas que podem ser arquitetadas para a região, devido às infraestruturas aí apresentadas.

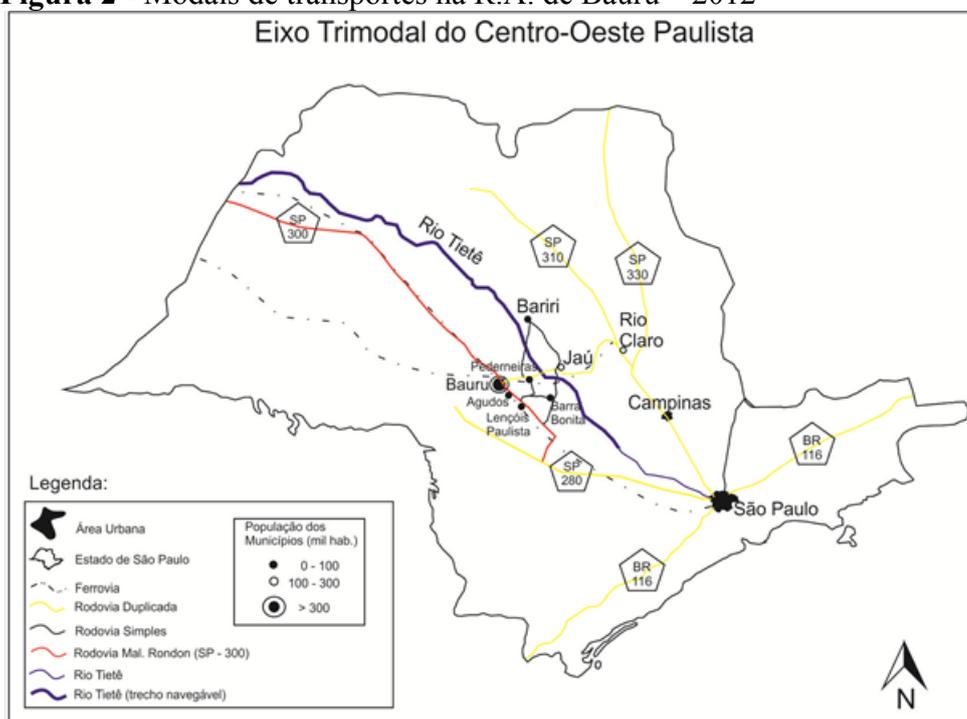
Cabe ressaltar que atualmente, devido às políticas públicas e a recessão das décadas de 1980 e 90, o modal mais importante é a rodovia Marechal Rondon. A

rodovia é o principal acesso da cidade polo, Bauru, à capital, e esse percurso é de 350 km.

Uma infraestrutura burocrática de grande importância para o comércio externo da região é o chamado porto seco, conhecido como Estação Aduaneira do Interior (Eadi-Bauru), ela está localizada na rodovia Comandante João Ribeiro de Barros, rodovia Bauru – Marília. A Eadi-Bauru tem por objetivo descentralizar a atividade alfandegária e facilitar as burocracias para os agentes que necessitam do comércio exterior. O terminal alfandegário é de uso público e faz a transição das mercadorias vindas ou destinadas ao Exterior, transformando-as em nacionalizadas ou desnacionalizadas.

Na Eadi-Bauru é possível praticar todos os regimes aduaneiros, dos comuns aos suspensivos e de tributação. A Eadi-Bauru possui uma área alfandegada de 72,6 mil m², sendo 3,2 mil m² destinados à armazenagem e 15 mil m² de pátio pavimentado. Também detém as licenças exigidas pelos órgãos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Vigilância Agropecuária Internacional (Vigiagro), Serviço de Inspeção Federal (SIF) e Exército. (<http://www.jcnet.com.br>, 2010)

Figura 2 - Modais de transportes na R.A. de Bauru – 2012



Fonte: Elaboração Leonardo Thomazini e autor, 2012.

A escolha para a implantação, no início dos anos 2000, foi em decorrência da região ter a sua condição um dos maiores entroncamentos aero-rod-ferroviário da América Latina, sua posição geográfica reduz distâncias, pois se localiza no centro-oeste do Estado de São Paulo. O site Vivendo Bauru exemplifica a situação geográfica regional:

Dispõe de rodovias modernas e duplicadas ou em processo de duplicação, com acessos para todo o território brasileiro, países do Mercosul, como Bolívia, Chile, Argentina e Paraguai. Possui um desvio ferroviário interligado a Ferrovia-Novoste S.A, podendo através da mesma acessar o território Boliviano, até a cidade de Santa Cruz de La Sierra. Conta com fácil acesso aos principais portos e aeroportos brasileiros. (<http://www.vivendobauru.com.br/conhecabauru/eadi-bauru>)

Resultados e discussão

Enquadrando as considerações feitas até agora sobre a importância do comércio externo e as infraestruturas existentes na região cabe relacioná-las com a exportação da RA de Bauru enfocando a América Latina. Os principais produtos relacionados diretamente à região de Bauru são: máquinas e equipamentos de uso na extração mineral e na construção; siderurgia; óleos e gorduras vegetais e animais (Tabela 1). Os principais destinos são: Bolívia, Holanda e Estados Unidos. (CIESP e JORNAL DA CIDADE).

Segundo a Diretoria Regional do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP, 2014), a região de Bauru ocupa a 25ª posição em ranking sobre a participação de 39 regiões paulistas, nos US\$ 28,7 bilhões da pauta exportadora estadual, o estado de São Paulo foi responsável por 26% do montante vendido pelo Brasil no mercado global no primeiro semestre de 2014. A remessa de produtos ao Exterior dos 20 municípios que compõem a Regional do Ciesp Bauru, no primeiro semestre de 2014, foi de US\$ 312,6 milhões.(Jornal da Cidade, 2014).

Mesmo Bauru sendo o maior município é Pederneiras que aparece como o principal exportador da região, respondendo por 54,7% do total da região. Contudo, também é o principal importador, respondendo por 57,8% das importações da área (CIESP, 2014). O destaque da pauta de exportações na cidade é para os setores de máquinas acabadas, alimentos e peças, comercializadas pelas multinacionais Volvo, Ajinomoto e Arielo/Reicon (Jornal da Cidade, 2015).

Tabela 1. Empresas, produtos e mercados de exportação.

Empresas	Cidade	Mercados de exportação e produtos
Volvo	Pederneiras	América Latina (pás-carregadeiras, caminhões articulados, motoniveladoras, minicarregadeiras e compactadores de solo), Estados Unidos (caminhões articulados e minicarregadeiras) e Região Internacional, Ásia e Europa (motoniveladoras).
Ajinomoto	Pederneiras	Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Chile, Colômbia, Panamá e Costa Rica (temperos)
Arielo/Reicon	Pederneiras	América do Sul (induzidos para motores de partida)
Ebara	Bauru	Estados Unidos, Ásia e Europa (bombas submersas)
Tilibra	Bauru	América do Sul (cadernos e materiais para escritório)
Plasútil	Bauru	Américas do Sul e Central , Japão e Polônia. (materiais plásticos domésticos)
Baterias Tudor	Bauru	Américas do Sul, Central , África e Europa. (acumuladores elétricos)
Baterias Cral	Bauru	Mercosul (acumuladores elétricos)
Sukest	Bauru	América do Sul , África e Rússia (doces, sucos em pó e acidulantes)
Cardbury	Bauru	Colômbia, México e EUA (balas e gomas de mascar)
Frigorífico Mondelli	Bauru	Arábia Saudita, Filipinas, Irã, Egito, Cingapura, Norte da África, Ásia e vários países da Europa (carne bovina)
Cosan	Jaú e Barra Bonita	Europa, Oriente Médio e EUA. (Açúcar e etanol)
Globoaves	Bariri	Cuba (carne de aves e matrizes)
Tonon Bioenergia	Bariri	União Europeia, Rússia, Canadá, Filipinas e Marrocos (Açúcar e etanol)

Grupo Lwarcel	Lençóis Paulista	América Latina (celulose)
Usina ZILOR	Lençóis Paulista	40 países, Europa, América do Norte, América Latina , Ásia, África e Oceania. (Açúcar e etanol)

Fonte: pesquisa do próprio autor.

A Tabela 1 apresenta os 16 maiores exportadores do recorte de estudo, essa exposição evidencia a presença e a participação do mercado Latino-americano para a região, da totalidade das maiores empresas exportadoras 12 possuem relações com países da América Latina. Isso indica a importância dos países vizinhos para as empresas da RA de Bauru.

O caso de maior estreitamento no comércio externo da região com países da América latina é a exportação para a Bolívia. A cidade de Bauru envia uma significativa e diversificada pauta de produtos para o país sul-americano, dentre as maiores empresas e produtos estão a Arcelor Mittal Brasil (barras de ferro e aço). Tilibra, a Plasútil, a Oest-Fer (comércio de metais), a Tudor (baterias) e a Bionnovation (produtos biomédicos). Mesmo a cidade não possuindo fábricas de produtos relacionados ao aço, de acordo com o levantamento da Secretaria de Comércio Exterior - Secex, o volume remetido à nação sul-americana é, sozinho, maior do que a soma de tudo o que a cidade exporta para os demais países. Atualmente os principais compradores dos produtos da indústria bauruense são Bolívia, Paraguai, Argentina, Holanda e Argélia (SECEX 2012, JC,2012).

As exportadoras bauruenses de produtos siderúrgicos, Oest-Fer e Acelor Mittal não estão relacionadas na tabela 1, pois essas empresas são do setor terciário e a base de estudo foi a análise das empresas do setor secundário.

A escolha dessas empresas pela exportação a partir da RA de Bauru é devido a sua posição geográfica estratégica, que atrai distribuidoras de empresas interessadas em enviar suas mercadorias para países da América Latina por meio da ferrovia, isso colabora com a as informações sobre infraestruturas discutidas anteriormente.

Conclusão

O comércio externo pode trazer importantes transformações para a geografia econômica de uma região. A RA de Bauru contribui em grande medida para o ciclo cafeeicultor do estado de São Paulo, além de participar dos ciclos do óleo de algodão e da expansão canavieira. Essas fases econômicas deixaram a marcas na região, especialmente infraestruturas de contato com diversas escalas de comércio, inclusive a internacional.

Mesmo a região não estando em contato com a área mais dinâmica do estado, consegue usufruir do mercado internacional com sua diversificada produção. Esse contato impacta de modo positivo a administração das empresas e cria desdobramentos para o mercado de trabalho e sistema produtivos dos municípios envolvidos.

Entretanto, o ambiente de comércio externo depende de múltiplos fatores, esses são de ordem política, econômica, infraestrutural e cultural. Somado a esses problemas a força das escalas, local, regional, nacional e global, se interpõem, se retroalimentam e se influenciam de maneiras desiguais. Como já apresentado a política alfandegária, o câmbio, os transportes e parte da estratégia produtiva pertencem as esferas públicas, sobrando pouco espaço para as empresas atuarem em escalas decisórias mais abrangentes.

A RA de Bauru não apresenta clusters industriais poderosos para exercer influência no sentido local-global, mas sua diversidade produtiva, demonstrada na tabela 1, minimiza qualquer crise destinada a um setor, sempre lembrando que essa vantagem é relativa, pois a grande diversidade inibe a formação de arranjos produtivos locais ou clusters (CHANG, 2013).

O mercado latino-americano é o principal espaço de exportação para os produtos da RA de Bauru. Essa situação é causada pela proximidade, pelos modais de transportes e pelos acordos comerciais que facilitam o intercâmbio com os países da América Latina.

Mas em todas as entrevistas e pesquisas realizadas com instituições, empresários e economistas da região (TOLEDO, 2013) problemas foram apontados para o real desenvolvimento das exportações, entre os mais citados estão: instabilidade de regulamentação, impostos alfandegários, política cambial, instabilidade socioeconômica dos vizinhos e falta de estratégia exportadora do país. Todos foram unânimes em

afirmar que existe uma demanda reprimida para os produtos da região no mercado latino.

A efetivação de uma política sólida de integração com a América Latina passa por um efetivo ajustamento da infraestrutura entre os países, concomitantemente ao desenvolvimento do aspecto estrutural, a estabilidade interna nacional conjugada a acordos comerciais desprovidos de interesses ideológicos poderão aumentar e incrementar a desejável relação comercial entre vizinhos.

Referências bibliográficas

- Chang, H-J. (2013) *23 Coisas que não contaram sobre o capitalismo*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- GIAMBIAGI, F.& SCHWARTSMAN, A. (2014) *Complacência: entenda porque o Brasil cresce menos do que pode*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- HASSINK, R.& KLAERDING, C. Theoretical advancement in economic geography by engaged pluralism. *Papers in Evolutionary Economic Geography*. Utrecht University, 2012. <http://econ.geog.uu.nl/peeg/peeg.html>.
- MARTIN, R (1994) Teoria Econômica e Geografia Humana. In: GREGORY, D; MARTIN, R & SMITH, G.(Orgs) *Geografia Humana*. (capítulo 1, 31-94) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- O'NEILL, J.(2012) *O mapa do crescimento: oportunidades econômicas nos BRICs e além deles*. São Paulo: Ed. Globo.
- PORTER, M. (1990) *The competitive advantage of nations*. Nova York: Free Press.
- SETTI, J. (2008) *Ferrovias do Brasil: um século e meio de evolução*, Rio de Janeiro. Sociedade de Pesquisa para a Memória do Trem.
- SELINGARDI - SAMPAIO, S. (2009) *Indústria e território em São Paulo: A estruturação do Multicomplexo Territorial Industrial Paulista*. Campinas: Editora Alínea.
- SILVEIRA, M. (2011) *Circulação, transporte e logística: diferentes perspectivas*. São Paulo Ed. Outras Expressões.
- TOLEDO, E.F.T. (2009) *A industrialização de Bauru: Origens, fases evolutivas e situação atual*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro.

DINÂMICA ECONÔMICA E INDÚSTRIA DE FERTILIZANTES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MUNICÍPIO DE UBERABA-(MG)¹

Nadia Jamaica Chagas- Licenciada em Geografia pela UFTM

Email: nadajamaica.geo@gmail.com

Maria Terezinha Serafim Gomes – Doutora em Geografia Humana

Departamento de Geografia/UNESP

Email: tserafim@fct.unesp.br

Resumo: Nos últimos anos o município de Uberaba, na Região do Triângulo Mineiro, vem passando por uma nova dinâmica econômica observada com crescimento da participação dos setores das atividades econômicas (indústria, comércio e serviços) e do PIB (Produto Interno Bruto). O crescimento da indústria no município deve-se em grande parte à instalação de empresas de fertilizantes de capital nacional e internacional, entre elas: Mosaic, Fertigran, Fertilizantes Heringer, FMC Química do Brasil, Neelam América Química, Ubyfol, Adm do Brasil, Yara Brasil Fertilizantes e Vale Fertilizantes, contribuindo para a dinâmica econômica do município. A maioria está localizada no Distrito Industrial, às margens do Rio Grande divisa do Estado de Minas Gerais com o de São Paulo. Essa concentração geográfica de empresas do setor de fertilizantes proporciona uma maior interação e complementaridade entre as empresas, formando um importante polo do setor. A forte concentração de empresas de fertilizantes no município de Uberaba está relacionada à própria sinergia gerada pelo setor na atração de novas plantas industriais e também à proximidade de regiões, com o setor agropecuário é muito desenvolvido, como o interior de São Paulo, o próprio Triângulo Mineiro e a região Centro-Oeste e a presença de matéria-prima, a rocha fosfática.

Palavras-chave: dinâmica econômica - indústria de fertilizantes- Uberaba.

¹ Este trabalho contou com apoio financeiro da FAPEMIG- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. Faz parte de discussões realizadas no Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia.

Resumen: Resumen: En los últimos años la ciudad de Uberaba, en Región Triângulo Mineiro, ha pasado por una nueva dinámica económica observada con creciente participación de los sectores de actividad económica (industria, comercio y servicios) y el PIB (Producto Interno Bruto). El crecimiento de la industria el municipio se debe en gran parte a la instalación de empresas nacionales e internacionales de los fertilizantes de capital, incluyendo: Mosaico, Fertigran, Heringer, FMC Brasil Química, Neelam América Química, Ubyfol, Adm Brasil, Yara Brasil Abonos y Fertilizantes Valley, que contribuye con a la dinámica económica del municipio. La mayoría están situadas en la zona industrial en las orillas del Río, de la frontera entre Minas Gerais con el São Paulo. Esta concentración geográfica de empresas del sector de fertilizantes ofrece una mayor interacción y complementariedad entre las empresas, la formación de un importante polo de la industria. La alta concentración de empresas de fertilizantes en Uberaba está relacionada con la propia sinergia generada por el sector en la atracción de nuevas plantas industriales, así como la proximidad de las regiones, con el sector agrícola muy desarrollado, como el interior de São Paulo, el Triângulo Mineiro y la región del Medio Oeste y la presencia de las materias primas, la roca de fosfato.

Palabras clave: dinâmica econômica - indústria de fertilizantes - Uberaba

Introdução

Nos últimos anos vêm ocorrendo uma nova configuração territorial no padrão locacional da indústria brasileira. Essa nova configuração industrial faz parte do processo de desconcentração econômica e industrial² partindo da região metropolitana de São Paulo em direção ao interior e para outros Estados, proporcionando o surgimento de “novos espaços produtivos” em outras regiões fora dos espaços metropolitanos.

Dentre as várias regiões beneficiadas com o processo de desconcentração industrial, destaca-se a região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, onde se localiza o município de Uberaba, cuja sede municipal é considerada uma “cidade média³”, que vem sendo beneficiada com o processo de desconcentração econômica por apresentar “condições gerais de produção” necessárias para atender a essas novas indústrias, além de apresentar nos últimos anos um crescimento econômico e demográfico acima da

² Sobre desconcentração industrial, ver Lencioni (1991,1998), Diniz (1995), Negri (1996).

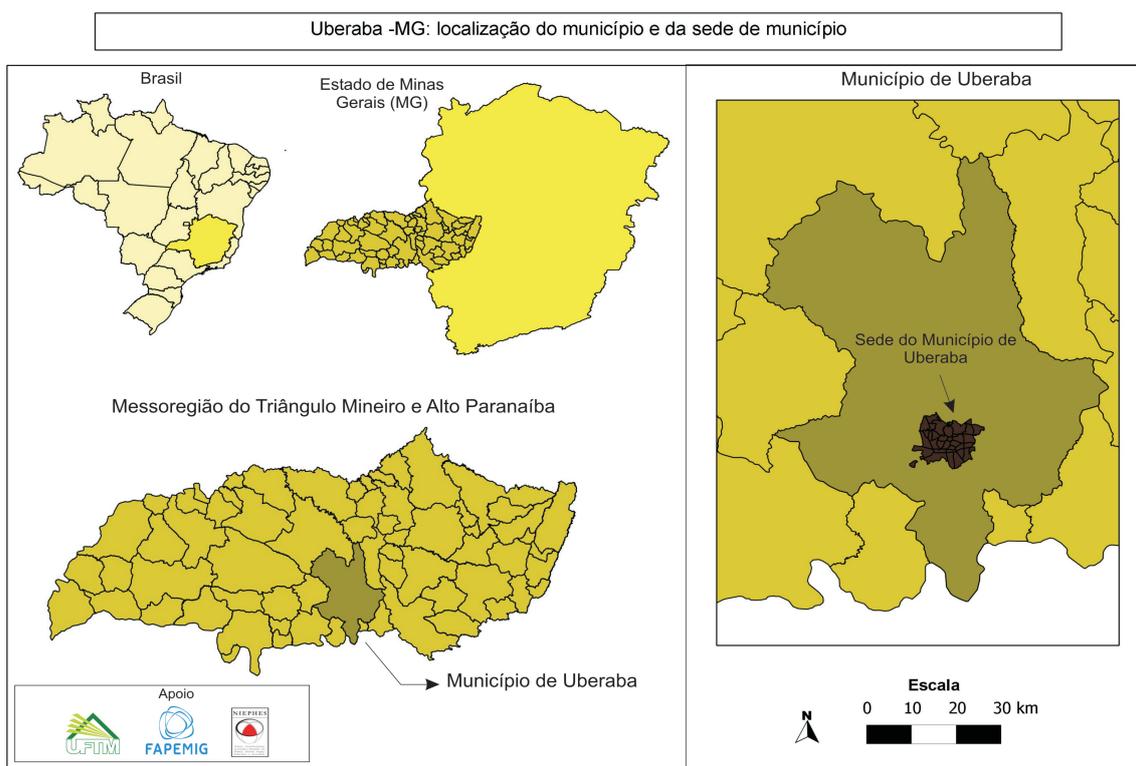
³ Sobre cidades médias, consultar Sposito (2004, 2007).

média nacional, e que diante desses fatores a cidade vem se configurando como “cidade emergente”.

A cidade de Uberaba vem sendo beneficiado com esse processo de desconcentração econômica, que ocorre desde a década de 1970, quando foram criados distritos industriais no município e começam a se instalar várias indústrias ligadas ao setor agropecuário, dentre elas indústrias do ramo de fertilizantes, atraídas pelo desenvolvimento da agropecuária moderna no Cerrado Mineiro, com o PRODECER (Programa de Desenvolvimento do Cerrado) e incentivos fiscais.

O município de Uberaba conta com aproximadamente 318.013 habitantes (IBGE 2014), possui uma posição geográfica estratégica entre eixos rodoviários das rodovias BR050 e BR262, ligando os principais centros urbanos do país, como São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, além disso, sua proximidade com estado de São Paulo, vem se tornando um grande atrativo para os novos investimentos empresariais. (Figura 1)

Figura 1- Uberaba-MG: localização do município e da sede do município.



Fonte: IBGE (2013) – Org.: REIS, L. G. L.

Este trabalho tem como objetivo compreender o padrão e a dinâmica locacional das indústrias de fertilizantes, tendo como ênfase a análise do município de Uberaba, na região do Triângulo Mineiro, estado de Minas Gerais. Para tanto, aplicamos questionários junto às indústrias de fertilizantes, num total de quatro empresas, visita à Prefeitura Municipal de Uberaba, pesquisas em *sites* do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e da Fundação João Pinheiro, além da revisão bibliográfica sobre o tema.

A indústria de fertilizantes em Uberaba: alguns apontamentos

As primeiras fábricas de fertilizantes no Brasil surgiram na década de 1940 e dedicavam-se exclusivamente a mistura Nitrogênio (N), Fósforo(P) e Potássio(K), baseadas em matéria-prima simples e importadas de outros países, como Canadá, Rússia, Alemanha, Marrocos, entre outros. As primeiras unidades foram instaladas próximas aos portos marítimos, como Cubatão (SP) e Rio Grande (RS) e também aos consumidores de fertilizantes.

Essas fábricas dedicavam-se basicamente à mistura de fertilizantes simples importados. A importação desses produtos era favorecida pela política cambial. A produção brasileira nesse período era muito pequena e se restringia a exploração de uma mina de fosfato em Cajati (SP), pertencente ao Grupo Bunge, de acordo com Dias (2006 citado por Teixeira, 2010).

Vale ressaltar que no final dos anos 1940 e início dos anos 1950, algumas das grandes empresas do setor já atuavam no mercado, entre elas: Trevo (1930), Quimbrasil (1945), IAP (1945), Copas (1945), Manah (1947), Fertisul (1948), Elekeiroz (1949) e Solorrigo (1956). (Teixeira,2012)

Porém, foi na década de 1970 com o crescimento da demanda de fertilizantes no país, da necessidade de importação de insumos para produção de fertilizantes, do aumento dos preços, principalmente a partir da crise do Petróleo de 1973, o governo Federal passou a incentivar a produção de insumos básicos, entre eles, o de fertilizantes com a criação do Primeiro Plano Nacional de Fertilizantes, com recursos do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). Esse plano favoreceu a instalação de indústria de fertilizantes em Uberaba.

A partir de 1970 com o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), o governo passa a oferecer incentivos às empresas produtoras de fertilizantes para diminuir a dependência externa. Dentre as unidades beneficiadas em várias regiões do país, podemos mencionar as que estão localizadas na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, como a unidade de mineração e concentração de rocha fosfática (ex-Valep), em Tapira-MG (1976); o complexo industrial da Fosfértil⁴ (ex-Valefértil), em Uberaba-MG (1976); a Vale Fertilizantes S.A, em Patos de Minas-MG (1977) e a ampliação a partir de 1989 da capacidade de produção de rocha fosfática em Araxá-MG (Instituto Observatório Social, 2011).

Nos anos 1990, com a política neoliberal e abertura econômica, o setor de fertilizantes com empresas estatais passa por reestruturação, levando a “[...] privatização da Fosfértil, Goiásfértil, Ultrafértil, da Vale Fertilizantes e com a venda de participações minoritárias do governo na Indag e Arafértil. Transações que criaram a FERTIFOS, holding do segmento, formado por um grupo de empresas do setor de fertilizantes: Bunge, Mosaic, Yara, Heringer e Fertipar. A FERTIFÓS controlava as principais empresas do setor como a Fosfértil, Ultrafértil, etc. (Instituto Observatório Social, 2011). Mais tarde, ocorre a união em uma única identidade corporativa, a Fosfértil, hoje atual Vale Fertilizantes.

No contexto atual, os principais responsáveis pela demanda global por fertilizantes são os países emergentes da Ásia e o Brasil. O Brasil é o 4º maior consumidor de fertilizantes do mundo, no entanto ainda depende de alguns insumos importados, uma vez que mais da metade dos insumos são adquiridos em outros países. Nesse sentido, “[...] dados de 2010 apontam que o país importou 90% dos fertilizantes à base de potássio (de produtores canadenses, russos e alemães), 76% à base de nitrogênio e 44% a base de fosfato (do Marrocos, Argélia e Tunísia).” (Instituto Observatório Social, 2011, p.08)

De acordo com IOS (2011), a Vale Fertilizantes ocupa no Brasil uma posição de liderança. Em 2010, respondeu por 62% da produção nacional de nutrientes fosfatados (equivalente a 34% do total consumido no país) e por 40% da produção nacional de nutrientes nitrogenados (equivalente a 10% do total consumido no país).

⁴ Atualmente, a Fosfértil foi adquirida pela Vale e passou a ser chamada Vale Fertilizantes.

No Brasil, as unidades produtoras de fertilizantes se espalham por cinco estados. Em São Paulo, a unidade de Cajati opera em rocha fosfática e na produção de fosfato bicálcico, utilizado em ração para animais; a unidade de Guará produz fertilizantes fosfatados, utilizados no enriquecimento do solo para a agricultura; a unidade de Cubatão produz fertilizantes fosfatados e nitrogenados; e em Santos há o terminal marítimo para movimentação de amônia, enxofre e fertilizantes a granel, com capacidade para movimentar 2,3 milhões de toneladas por ano. Em Minas Gerais, Tapira, Uberaba, Patos de Minas e Araxá produzem rocha fosfática e fertilizantes fosfatados. Também em Minas está em curso o Projeto Salitre, composto de uma mina com capacidade estimada de 2,2 milhões de toneladas por ano de concentrados de fosfato. Em Goiás, a unidade de Catalão foi criada para a exploração de rocha fosfática e produção de fertilizantes fosfatados. No Paraná, a Araucária produz fertilizantes nitrogenados e em Sergipe teve início o Projeto Carnalita, de prospecção de potássio, no município de Rosário do Catete. (Vale,2012)

O setor de fertilizantes no estado de Minas Gerais é significativo, com a presença tanto de industriais de produção de fertilizantes quanto de unidades misturadoras, sendo Uberaba o principal polo, criado desde os anos 1970, graças a incentivos fiscais e ao programa do Plano Nacional de Fertilizantes.

A figura 2 mostra a distribuição das indústrias de fertilizantes no estado de Minas Gerais, observa-se a concentração nas regiões Sul de Minas e Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Figura 2 – Minas Gerais: Localização de misturadoras de Fertilizantes.



Figura 7. Relação entre a localização das misturadoras de fertilizantes com a área agrícola plantada

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do SIDRA

Fonte: Teixeira (2010)

No Brasil, a produção de fertilizantes tem aumentado devido ao crescimento do agronegócio no país. A cultura que mais consome fertilizantes no Brasil é a soja, atingindo 35% do total entregue no País. Outras culturas, como milho, cana-de-açúcar, café e algodão totalizam 77% das vendas de fertilizantes no mercado brasileiro. Quanto à participação por Estado brasileiro, nota-se a grande representatividade da Região Centro-Oeste, sendo o Mato Grosso o maior consumidor, conforme Tavares & Harbeli Jr (2011).

Foi a partir da década de 1970 que foram instaladas as empresas de fertilizantes em Uberaba, atraídas pelos incentivos fiscais, bem como a proximidade da matéria-prima, a rocha fosfática, Araxá.

Uberaba conta com quatro Distritos Industriais, sendo três estaduais e um municipal, com área total de 22.725.889,00 m², possuem infraestrutura, tais como:

S/A, Heringer, Fertigran, Vale Fertilizantes, entre outras ligadas ao setor. (Prefeitura Municipal de Uberaba MG, 2014).

Em Uberaba, no que tange ao ramo de fertilizantes, as empresas estão localizadas no distrito III, totalizando 22 empresas (CNAE, 2011), empregando 5,66% de trabalhadores (RAISMTE, 2011), dentre elas: Mosaic, Fertigran, Fertilizantes Heringer S.A, FMC Química do Brasil, Neelam América Química Ltda, Ubyfol, Adm do Brasil, Yara Brasil Fertilizantes e Vale Fertilizantes 1 e 2, entre outras. A implantação de uma planta industrial para produção de fertilizantes, como exemplo, a Fosfértil (hoje Vale Fertilizantes) e outras indústrias ligadas ao setor agroindustrial nos leva a considerar que grande parte das indústrias instaladas são complementares à economia regional baseada na agropecuária, contribuindo para dinâmica econômica do município de Uberaba.

Essa concentração geográfica de empresas do setor de fertilizantes proporciona uma maior interação e complementaridade entre as empresas, formando um importante polo do setor, gerando sinergia para instalação de novas empresas.

A grande participação de empresas em distritos industriais facilita a infraestrutura. Assim, Benko (1996, p. 135) assevera que: “o grande número de empresas presentes num espaço limitado faz reduzir em proporção os custos fixos da infraestrutura”.

No que tange ao padrão locacional das empresas de fertilizantes, de acordo com a pesquisa de campo realizada junto a quatro empresas no município de Uberaba-MG, verificou-se que a principal motivação para sua instalação no município é a proximidade da matéria-prima, a rocha fosfática. Sendo assim, apesar das teorias clássicas localização das atividades econômicas não darem conta de compreensão da atualidade, no caso das indústrias extrativas a proximidade da matéria-prima ainda é um fator determinante para sua localização.

Desse modo, o principal fator de localização das plantas industriais no Distrito Industrial III é a presença da planta industrial da Vale Fertilizante, que extrai matéria-prima (rochas fosfáticas) da região de Araxá e processa na unidade de Uberaba. A proximidade de uma das principais fontes de matéria-prima foi apontado como o maior atrativo para as indústrias de fertilizantes se localizarem em Uberaba, pois o custo de transporte é muito alto nesse setor, e baixo valor agregado faz com que as empresas

busquem uma localização mais próxima das fontes de matéria-prima para reduzirem seus custos.

Assim, há uma forte correlação no caso do setor de fertilizantes entre proximidade com parte da matéria-prima (rochas fosfáticas), dos municípios de Araxá-MG, Tapira-MG e Patos de Minas-MG, são processadas pela Vale Fertilizantes e vendidas para as demais indústrias da cadeia produtiva. No caso, as demais indústrias são as principais clientes da Vale Fertilizantes, que não atua no processamento final (misturas de fosfato, nitratos, potássio). Esse custo reduzido em uma das matérias primas (rocha fosfática) levou ao processo de concentração da atividade em Uberaba, já que um dos elementos é encontrado em abundância nas proximidades, sendo que os demais produtos necessários para a produção de fertilizantes (nitrato e potássio) são importados de países como Rússia, Canadá, Marrocos e África via porto de Santos ou porto de Tubarão (ES).

As condições gerais de produção presentes no município de Uberaba tais como, a presença da Ferrovia operada pela (FCA) e sua localização estratégica entre as principais rodovias do país BR 050 e BR262, proporcionam condições favoráveis para que os demais elementos importados necessários para a produção de Fertilizantes sejam transportados tanto via transporte rodoviário vindos do porto de Santos quanto de transporte ferroviário via porto de Tubarão (ES). Além disso, permite também o escoamento da produção para os Estados de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Tocantins e São Paulo, atendendo praticamente todos os Estados da região Sudeste e Centro Oeste, conforme informações obtidas junto às empresas do setor de fertilizantes.

Outro motivo destacado pelas empresas para a instalação das empresas no município de Uberaba é a alíquota de ICMS (Imposto sobre operações relativas à circulação de mercadorias e sobre prestações de serviços) ser menor em Minas Gerais em relação a outros Estados.

Quanto à origem do capital das empresas de fertilizantes, observou-se a presença de indústria de capital nacional e internacional, de grandes grupos econômicos, como a Yara Fertilizantes da Noruega, ADM, Mosaic (EUA); e do Brasil, as indústrias: Heringer, Vale Fertilizantes, Fertigran, esta última pertencente ao grupo Fertipar.

No que se refere à comercialização das empresas de fertilizantes de Uberaba, sua produção é destinada para os estados de Goiás, Mato Grosso, Tocantins, São Paulo, Minas Gerais, além de estados da região sul do país.

Sendo assim, segundo informações da pesquisa de campo, a produção de fertilizantes das indústrias do distrito III atende a produção agrícola regional e nacional. O município de Uberaba é o quarto PIB agropecuário do país e o primeiro no estado de Minas Gerais, mostra que a uma demanda com relação ao uso de fertilizantes.

A forte concentração de empresas de fertilizantes no município de Uberaba está relacionada além da própria sinergia gerada pelo setor na atração de novas plantas industriais, como também com proximidade de regiões onde o setor agropecuário é muito desenvolvido, como interior de São Paulo, o próprio Triângulo Mineiro e a região Centro-Oeste.

Com a expansão das indústrias de fertilizantes no município de Uberaba, está prevista a instalação da planta de amônia da Petrobrás para a produção de fertilizantes nitrogenados, conforme anunciado no site da empresa, a presidenta da república Dilma Rousseff e a presidenta da Petrobrás Graça Foster lançaram em 03 de Maio de 2014, em Uberaba, a pedra fundamental da Unidade de Fertilizantes Nitrogenados José Alencar (Fafen-JA) e também foi assinado o termo de compromisso de garantia de fornecimento de gás natural para a unidade com a Companhia de Gás de Minas Gerais (GASMIG), através da construção de um gasoduto ligando a Região Metropolitana de Belo Horizonte e o Triângulo Mineiro. (Vale, 2015)

Além do crescimento do setor de fertilizantes, Uberaba vem passando por transformações na dinâmica econômica atraindo investimentos nos diferentes setores de atividades econômicas e um crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), conforme revelam os dados da RAIS/MTE.

Os dados da RAIS/MTE (1985-2011) apontam um crescimento da participação dos setores de atividades econômicas (comércio, serviços, indústria) no período analisado. Os setores de comércio e serviços tiveram o melhor desempenho no aumento do número de estabelecimentos, pois o comércio passa de 1024 estabelecimentos em 1985 para 1278 estabelecimentos no ano 1990, chegando a 1925 estabelecimentos em 1995. Em 2000 atinge um crescimento significativo e atinge 2408 estabelecimentos e em 2011 mantém a tendência de crescimento e atinge 3454 estabelecimentos; o setor de

serviços é o que mais cresceu nas duas últimas décadas, mais que triplicando sua participação (de 907 estabelecimentos em 1985 para 3006 estabelecimentos em 2011). A indústria também obteve um crescimento significativo com a entrada de capital externo a cidade, passando de 384 estabelecimentos em 1985 para 660 (ano 2000) e 854 (ano 2011), respectivamente. O setor agropecuário também apresentou crescimento passando de 81 estabelecimentos em 1985 para 1201 em 2011. O crescimento no número de estabelecimentos representou também um aumento no número de empregos e de trabalhadores ocupados em todos os setores de atividades econômicas. (Gomes *et al*, 2013).

O crescimento do setor industrial em Uberaba no período de 1985 a 2011 foi de 122,39%; o comércio apresentou o crescimento de 237,30%; a construção civil foi quem apresentou o maior crescimento no período analisado atingindo 1711,36%; o setor de serviços teve um crescimento de 231,42%; e, o setor de agropecuário apresentou um crescimento de 1382,71%. Considerando o conjunto de atividades econômicas o crescimento foi de 277,61%. (Gomes *et al*, 2013)

No que diz respeito à participação de trabalhadores por setor de atividades econômicas, no período de 1985-2011 (RAIS,MTE) verificou-se um crescimento significativo nos últimos 25 anos. No setor industrial o número de trabalhadores passou de 8096 em 1985 para 16 198 trabalhadores em 2011. No ano 2000 apresentou uma queda em relação a 1995, de 8,61% e retomou o crescimento em 2005 atingindo 12806 trabalhadores, com 16,17%. Outro setor que apresentou queda na participação dos trabalhadores foi o da construção civil, passando de 3410 trabalhadores para 3084 e 2017, em 2000 e 2005, respectivamente. No entanto, no período de 1985 a 2011 foi um crescimento de 258,16%, passando de 1740 em 1985 para 6232 trabalhadores. O setor de comércio apresentou um bom desempenho no período de 1985 a 2011 passando de 5536 trabalhadores para 18980, respectivamente. O setor de serviços o crescimento também foi significativo passando de 13.389 para 38 609 trabalhadores, em 1985 e 2011, respectivamente. O setor da agropecuária também obteve crescimento da participação de trabalhadores, passando de 915 em 1985 para 4 480 trabalhadores em 2011. (GOMES *et al*, 2013)

Além desse crescimento observado na participação dos setores de atividades econômicas no que se refere aos estabelecimentos e trabalhadores, houve um crescimento do PIB.

O PIB (produto interno bruto) em Uberaba passou de 2.024.849 bilhões em 1999 para 7.155.214 bilhões em 2010 (Fundação João Pinheiro, 2015), observa-se que nesse período o PIB de Uberaba mais que triplica. Nesse período, ocorreram vários investimentos na cidade, tanto investimentos de capitais voltados ao comércio e prestação de serviços, como hipermercados, hotéis, concessionárias, setor imobiliário etc, quanto investimentos no setor industrial para atender uma demanda principalmente do setor agropecuário, como foram os investimentos em fábricas de fertilizantes e produção de insumos para a agropecuária. O município de Uberaba é atualmente um dos principais polos de produção de fertilizantes do país e da América Latina.

Em suma, a concentração de indústria de fertilizantes no município de Uberaba e outras ligadas ao setor agroindustrial, leva-nos a inferir que grande parte das indústrias instaladas são complementares a economia regional baseada na agropecuária, contribuindo para a dinâmica econômica do município de Uberaba MG. No entanto, a que se considerar que tais indústrias produzem impactos ambientais, sobretudo pela produção de “montanhas de gesso” as margens do Rio Grande, um dos principais rios da região do Triângulo Mineiro.

Referências Bibliográficas

Ama Brasil. *Associação das misturadoras no Brasil*. Web site. Acessado julho 9, 2014, em <http://www.amabrasil.agr.br/>

Anda. *Associação nacional para difusão de adubos*. Web site. Acessado julho 9, 2014, em <http://www.anda.org.br/>

Benko, G. (1996) *Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec.

Bndes. *Banco Nacional de Desenvolvimento*. Web site. Acessado julho 9, 2014, em <http://www.bndes.gov.br/>

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. *Bases Estatísticas. RAIS: Relação anual de informações sociais*. Web site. Acessado julho 9, 2013, em <http://www.mte.gov.br/>

Cleps Jr., J. (2009) Concentração de poder no Agronegócio e (des) territorialização: os impactos da expansão recente do capital sucroalcooleiro no Triângulo Mineiro. Uberlândia. *Caminhos da Geografia*, 31 (10), 249 - 264.

Dias, V. P. & Fernandes, E. (2006) *Fertilizantes: Uma Visão Global Sintética*. BNDES Setorial, 24, 97-138, Acessado julho 9, 2014 em http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set2404.pdf

Diniz, C. C. A. (1995) Dinâmica Regional Recente da Economia Brasileira e Suas Perspectivas. *Texto para Discussão*. 375,1-46, Rio de Janeiro, IPEA.

Fernandes, E. [et al] (2009). Principais empresas e grupos brasileiros do setor de fertilizantes. BNDES Setorial, 29, 203-228, Acessado julho 7, 2014, em http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/Set2906.pdf.

GOMES, M. T. S. [et al]. (2013a). Dinâmica econômica, cidades médias e interações espaciais (relatório de pesquisa), FAPEMIG. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba.

GOMES, M.T.S. (2013 b, jul./dez) O padrão locacional de empresas industriais na região Oeste Paulista. *Revista GeoUECE* - Programa de Pós-Graduação em Geografia da UECE Fortaleza/CE, 2 (3), 98-117, Acessado em julho 19, 2014, em <http://seer.uece.br/geouece>

GOMES, M.T.S. (2013c) *Cidades médias e a formação de novos espaços produtivos na rede urbana brasileira: algumas considerações sobre a cidade de Uberaba – MG/Brasil*. CD ROM, In: XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina; Lima/Peru, abril.

Instituto Observatório Social. (2011, junho) Panorama econômico e trabalhista da Vale Fertilizantes. [em linha] *Instituto Observatório Social. Web Site*. Acessado julho 10, 2014, em http://www.observatoriosocial.org.br/site/sites/default/files/panorama_vale_fertilizantes_jun2011.pdf

Kulaif, Y. (1999) A indústria de fertilizantes fosfatados no Brasil: perfil empresarial e distribuição regional. (Série Estudos e Documentos, 43). Rio de Janeiro: CETEM/CNPq.

- Lencioni, S. (2007). Condições gerais de produção: um conceito a ser recuperado para a compreensão das desigualdades de desenvolvimento regional. In: *Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*, 245 (07). IX Colóquio Internacional de Geocrítica, Acessado julho 10, 2013, em <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-24507.htm>
- Lencioni, S. (2011, jan./jun.) A Metamorfose de São Paulo: o anúncio de um novo mundo de aglomerações difusas. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, 120, 133-148.
- Lobo, V. (2008, set.). *O Mercado e o Desafio da Indústria de Fertilizantes no Brasil*. Acessado setembro 2, 2014, em <http://www.ibram.org.br/sites/700/784/00001762.pdf>.
- Manzagol, C. (1985) *Lógica do espaço industrial*. São Paulo: Difel.
- Martins, H. E.P [et al] *Transformações da Produção Agropecuária do Cerrado: Distribuição espacial e especialização em nível municipal na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. Acessado setembro 9, 2014, em <http://www.ie.ufu.br/node/394;2012>.
- Mosaic Fertilizantes. *Web site*. Acessado setembro 19, 2014, em <http://www.mosaicco.com.br/>
- Negri, B.& Pacheco, C. A. (1994) Mudança tecnológica e desenvolvimento regional nos anos 90: a nova dimensão espacial da indústria paulista. *Espaço & Debates*, São Paulo, 38, 62-83.
- Negri, B. (1996) *Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990)*. Campinas: Unicamp.
- Pacheco, C. A. (1998) *A fragmentação da nação*. Campinas: Ed. Unicamp/Instituto de Economia.
- Petrobrás. *Web site*. Acessado janeiro 30, 2015, em <http://www.petrobras.com.br/fatos-e-dados/dilma-rousseff-e-graca-foster-lancam-pedra-fundamental-e-participam-de-batismo-da-unidade-de-fertilizantes-em-uberaba.htm>
- Pires, M. O. (1998) Programas Agrícolas na Ocupação do Cerrado. In: 4º *Simpósio Ambientalista Brasileiro no Cerrado/Goiânia – GO*, Acessado agosto 31, 2014, em www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/download/459/443
- Prefeitura Municipal de Uberaba. *Web site*. Acessado julho 20, 2014, em http://www.uberaba.mg.gov.br/porta/acervo/desenvolvimento_economico/arquivos/uberaba_em_dados/Edicao_2009/Capitulo05.pdf

Sposito, M. E. B. (2007) *Cidades médias. Espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular.

Tavares, M. F. de F. & Haberli Jr, C. (2011). *O Mercado de Fertilizantes no Brasil e as Influências Mundiais*. Acessado julho 10, 2014, em <http://www2.espm.br/sites/default/files/fertilizantes.pdf>

Teixeira, P. P. de C. *Mapeamento das unidades misturadoras de fertilizantes no estado no estado de Minas Gerais*. Acessado março 10, 2014, em <http://esalqlog.esalq.usp.br/files/biblioteca/arquivo3680.PDF>.

Vale. *Vale Nossa História. Web site*. Acessado setembro 9, 2014, em http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/news/Documents/historia70anos/Vale_Livro_Nossa_Historia.

Yara Fertilizantes. *Web site*. Acessado setembro, 19,2014, em <http://www.yarabrasil.com.br/about/index.aspx>

A ATUAÇÃO DO MERCADO IMOBILIÁRIO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE UBERABA –MG

Fernando Fachinelli Rodrigues de Oliveira- Acadêmico do curso de Geografia- UFTM

Email: fernandofachinelli@hotmail.com

Marcos Kazuo Matushima – Doutor em Geografia

Professor Adjunto do Departamento de Geografia – UFTM

Email: mkmatushima@gmail.com

Resumo: As políticas de investimentos do governo federal direcionadas ao setor habitacional têm promovido nos últimos anos um processo de transformações nas cidades brasileiras, com um crescente número de empreendimentos imobiliários implantados, motivados pela construção de condomínios fechados e conjuntos habitacionais. Tal dinâmica ocorre não apenas as grandes metrópoles, mas também nas cidades médias brasileiras. A cidade de Uberaba, localizada no estado de Minas Gerais, tem recebido diversos investimentos imobiliários que têm transformado sua estrutura urbana, através da expansão horizontal da malha urbana e do adensamento de bairros com a construção de novos edifícios, tornando-a palco de atuação de agentes imobiliários que transformam seu espaço urbano.

Palavras-Chave: Setor imobiliário, Dinâmica Urbana, Uberaba.

Resumen: Las políticas de inversión del gobierno federal dirigidos al sector de la vivienda en los últimos años han promovido un proceso de transformación en las ciudades brasileñas, con un creciente número de proyectos inmobiliarios desplegadas, motivados por la construcción de condomínios cerrados y habitaciones populares. Esta dinámica no sólo las grandes ciudades, sino también en las ciudades de tamaño medio. La ciudad de Uberaba, en el estado de Minas Gerais, ha recibido varias inversiones inmobiliarias que han transformado su estructura urbana, a través de la expansión horizontal del tejido urbano y e la densidade de los barrios con la construcción de

nuevos edificios, haciendo-la centro de actuación de los agentes inmobiliários su espacio urbano.

Palabras clave: sector inmobiliario, dinamica urbana, Uberaba.

Introdução

O setor imobiliário no Brasil tem passado por um momento de crescimento nos últimos anos, sobretudo a partir de políticas do governo federal de incentivo ao setor da construção civil, que favoreceram os investimentos em novos empreendimentos imobiliários em todo país.

Esse processo ocorreu tanto nas grandes metrópoles brasileiras, onde houve uma verdadeira explosão do mercado imobiliário, quanto nas “cidades médias”⁵ e pequenas , que também passaram a atrair investimentos locais e nacionais para o setor imobiliário.

O presente trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações sobre a dinâmica do setor imobiliário de Uberaba, que atua na forma de novos agentes econômicos, modificando a dinâmica espacial da cidade através de novos empreendimentos e incorporações nos últimos doze anos, desde a implantação de loteamentos de alto padrão e casas populares, com o projeto Minha Casa Minha Vida, do governo federal com Luis Inácio Lula da Silva (2002 a 2010) e Dilma Rousseff (2010 a 2014). Para fazer tal análise, realizamos revisão bibliográfica sobre o tema, visitas a Prefeitura Municipal de Uberaba, a Câmara dos Dirigentes Lojistas, a SINDUSCON-Uberaba e pesquisa de campo para levantamento das construtoras e incorporadoras, que atuam na cidade de Uberaba-MG e pesquisas em sites, como IBGE e COHAGRA.

Produção do espaço e atuação do mercado imobiliário

O Urbano é amplamente discutido por vários autores como Sposito (2000), Carlos (1996) e tema abordado em diversos congressos e reuniões científicas, por isso mesmo nos deparamos com uma grande quantidade de pesquisas sobre essa temática, da qual se levantam diversas hipóteses, conceitos, previsões e análises. Neste grande campo de pesquisa que pretende estudar a cidade e suas relações, não cabe à finalidade de discutir

⁵ Sobre cidades médias, consultar textos de Maria Encarnação Beltrão Sposito (2006, 2007).

todos os processos que moldam o urbano, mas sim, analisar os novos agentes econômicos que atuam na dinâmica imobiliária de Uberaba.

Neste contexto, surge a necessidade de assimilarmos a importância do espaço urbano na compreensão do modo de viver do ser humano, parafraseando uma reflexão de Ana Fani Carlos (1996), na qual diz que a paisagem urbana é “uma forma histórica específica que se explica através da sociedade que a reproduz, um produto da história das relações materiais dos homens que a cada momento adquire uma nova dimensão [...]”, No qual em outro momento, ela ressalta “o “construído” como fruto do trabalho humano. Nesse sentido, o espaço geográfico não é humano porque o homem o habita, mas porque, a cada momento histórico, o reproduz de acordo com os objetivos e necessidades da sociedade [...]”.

Para Corrêa (1995), o espaço urbano sofre a ação de cinco agentes sociais, que são: os proprietários dos meios de produção (sobretudo os grandes industriais), os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado, e os grupos sociais excluídos. Tais agentes produzem e reproduzem o espaço urbano a partir de interesses e estratégias.

Neste trabalho o foco principal é a atuação do setor imobiliário, para isso nos ateremos aos promotores imobiliários, que segundo Corrêa (1995), é um conjunto de agentes que realizam parcial ou totalmente, as seguintes operações: incorporação, financiamento, estudo técnico, construção ou produção física do imóvel, comercialização ou transformação do capital-mercadoria em capital-dinheiro.

Essas forças políticas e econômicas são resultados da ação dos agentes econômicos, que segundo Corrêa (1995), podem ser representados por um indivíduo, família, empresa ou pelo Estado, cujas decisões interferem diretamente no circuito econômico, que por sua vez interferem nas interações espaciais de uma determinada área.

Esse processo de atuação do capital imobiliário não se limita às cidades médias, e não é um fenômeno exclusivo de Uberaba, mas ocorre através da ação dos incorporadores em diversas cidades, como demonstrado nos trabalhos de Oliveira e França (2012) sobre a dinâmica imobiliária de Montes Claros-MG; Pereira e Holanda (2013), que estudaram o processo em Sobral-CE, e a pesquisa de Castro Neto e Melazzo (2013) sobre a cidade de Presidente Prudente.

O município de Uberaba, localizada na região do Triângulo Mineiro, oeste do estado de Minas Gerais, possui 318.813 habitantes (estimativa IBGE, 2014). Localizada no entroncamento de diversas rodovias federais, como a BR 262 e a BR 050, fica há aproximadamente 483 km de São Paulo-SP, 524 km de Brasília, 480 km de Belo Horizonte e 445 km de Goiânia. O município possuía, segundo dados do IBGE (2012), um PIB de R\$ 9.368.416.000 no ano de 2012, sendo o 72º maior PIB municipal em todo o Brasil no ano de 2012, resultando em um PIB per capita de quase R\$ 30 mil.

Esses valores em termos de renda e riqueza no município tem atraído diversas empresas, interessadas no potencial de renda e consumo local, o que têm atraído empresas de diversos setores econômicos, desde redes varejistas, revendedoras de automóveis, indústrias e construtoras.

Lopes e Rezende (1984), desde sua fundação, tem sua economia fortemente influenciada pelos grandes produtores rurais e pecuaristas ligados à criação de gado zebu. Porém, nas últimas três décadas, o município de Uberaba se tornou um polo industrial e comercial regional, atraindo assim novos agentes que vem atuando sobre a economia e a dinâmica espacial da cidade. Nesse contexto, vale salientar que os investimentos imobiliários também sofreram transformações, o que antes era construído em pequena escala, hoje é produzido em larga escala, se encontram em outras regiões estratégicas, produzem relações mais complexas com o meio e estão ligadas aos interesses de grande incorporadores, diferentemente de anos atrás.

Sendo assim, o mercado imobiliário tem o poder de decidir o como e onde morar dos diversos indivíduos da sociedade, pois esse pode definir o valor dos terrenos e dos imóveis em geral que estão dispostos na cidade, e assim o tornando acessível ou não aos indivíduos e suas respectivas classes sociais. Isso tem levado a adoção de diversas estratégias pelo capital imobiliário, desde a reconfiguração de áreas centrais, onde a valorização dos imóveis leva a uma transformação no uso e no perfil dos moradores, bem como na estruturação de novos espaços urbanos, através da construção de novos empreendimentos imobiliários em áreas periféricas incorporadas ao perímetro urbano.

Cabe ao setor imobiliário, mais especificamente as construtoras e incorporadoras, a função de disponibilizar no mercado empreendimentos que atendam todos esses aparatos exigidos pela classe dominante, caso contrário, esses estarão fadados à falência, como observado por Villaça (2007), “no caso da Pampulha, em Belo

Horizonte, como fracassaram os empreendimentos imobiliários que pretenderam criar bairros para as burguesias onde eles queriam, e não onde – elas as burguesias – queriam.” (p. 184).

Em Uberaba, observa-se a atuação muito forte dos incorporadores locais, como o Grupo RCG (ligada às famílias Rodrigues da Cunha e Guaritá), que transmutaram sua atuação do setor rural para atividades do mercado imobiliário urbano, através da construção de edifícios, conjuntos habitacionais populares. Há também outras grupos de incorporadores locais, ligadas as construtoras como a Hindy Construtora, Thife Construtora, Construtora Rio Grande e Grupo Cathargo Holding (que possui negócios no setor imobiliário e agronegócio). Há também grandes investimentos realizados por incorporadores e construtoras de capitais de fora, ou seja, externo à cidade, como a Construtora MRV, de Belo Horizonte, Grupo Dahma, de Presidente Prudente, Grupo Verdi, de São José do Rio Preto, Grupo Cyrella, de São Paulo, Grupo Buriti, do estado do Pará.

Grande parte dos novos investimentos no setor imobiliário em Uberaba está sendo feito através da incorporação de áreas na periferia da malha urbana, que estão recebendo infraestrutura urbana e projetos de urbanização para atender a demanda por novos imóveis. Os condomínios fechados Dahma, Estância dos Ipês e Cyrella foram implementados com o intuito de atender às demandas de mercado de uma parcela da população de maior renda.

Além de empreendimentos de alto padrão, as incorporadoras tem construído várias casas populares na periferia da cidade, a partir do projeto Minha Casa, Minha Vida, implementado pelo governo Federal, Luiz Inácio Lula da Silva, em 2009.

Uberaba foi um dos municípios brasileiros que mais receberam investimentos em programas de habitação popular, através do Programa Minha Casa Minha Vida, do governo federal, com mais de 5 mil casas construídas até o ano de 2015, para famílias com renda familiar até R\$1.600,00 (Faixa 1) ou até R\$5.000,00 (faixa 2 e 3), conforme dados do quadro 01.

Quadro 01 - Conjuntos Habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida

Residencial Rio de Janeiro	2.101 unidades habitacionais (localizado próximo ao Jardim Maracanã)
Residencial Marajó	483 unidades habitacionais (localizado próximo ao Jardim Copacabana)
Residencial Ilha de Marajó	417 unidades habitacionais (localizado

	próximo ao jardim Copacabana)
Parque dos Girassóis III	1.500 unidades habitacionais (localizado próximo ao Parque dos Girassóis I e II)
Residencial Jardim Anatê II	500 unidades habitacionais (próximo a Coopervale)
Alfredo Freire IV	1.000 unidades habitacionais – próximo ao Alfredo Freire I)

Fonte: Companhia Habitacional do Vale do Rio Grande – COHAGRA, 2015.

Org. Marcos Kazuo Matushima

Segundo dados da COHAGRA, grande parte dos investimentos realizados em Uberaba no setor de habitação popular ocorreram com parcerias entre a Prefeitura Municipal e recursos do governo federal para o Programa Minha Casa Minha Vida.

Quadro 02 – Uberaba: Implantação de Loteamentos entre 2003 a 2012

Ano	Número de Loteamentos Criados
2003	4 loteamentos
2004	4 loteamentos
2005	0 loteamentos
2006	2 loteamentos
2007	6 loteamentos
2008	3 loteamentos
2009	6 loteamentos
2010	6 loteamentos
2011	7 loteamentos
2012	15 loteamentos

Fonte: Prefeitura Municipal de Uberaba – 2003 a 2012.

Org. Fernando Fachinelli Rodrigues de Oliveira; Marcos Kazuo Matushima

Entre 2003 e 2012 foram aprovados, segundo dados da Prefeitura Municipal, um total de 55 loteamentos no município de Uberaba. O grande número de novos loteamentos aprovados e implantados no município demonstra que houve grandes investimentos de capitais no setor imobiliário, tanto na incorporação de novas áreas para o tecido urbano, na implementação de infraestruturas urbanas, quanto na construção de novas moradias e loteamentos fechados (quadro 02).

Nesse período, vários foram os investimentos para a implementação de loteamentos fechados, entre eles: Condomínio Dahma, Cyrella Landscape Uberaba e Estância dos Ipês, voltados para a classe média e média alta, e para investimentos imobiliários.

Esses investimentos do capital imobiliário foram atraídos pelo crescimento das atividades econômicas no município de Uberaba, que atraiu nos últimos anos investimentos no setor de comércio, prestação de serviços e indústria que contribuiu para atrair um contingente populacional para o município. Outro fator que dinamizou os investimentos imobiliários em alguns bairros como o bairro Abadia, foi a implantação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, que trouxe para a cidade um grande número de novos professores, funcionários e estudantes para os novos cursos implantados a partir de 2005. A ampliação dos cursos do Instituto Federal de Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM), também dinamizou o setor imobiliário, na medida em que aumentou o número de estudantes de fora da cidade.

Considerações Finais

A cidade de Uberaba tem recebido diversos investimentos imobiliários, quer de capital local, quer de capital de fora. Nos últimos anos foram implantados diversos novos loteamentos para atender a demanda solvável por novos imóveis, quanto para garantir a incorporação de novas áreas rurais ao perímetro urbano.

Houve o crescimento da área urbana da cidade para atender aos interesses do capital imobiliário, com a incorporação de uma área que dobrou o perímetro urbano. Os novos empreendimentos foram tanto para atender as classes populares, com a implementação de diversos projetos de habitação popular do Programa Minha Casa Minha Vida, quanto a criação de diversos condomínios fechados para atender a uma classe de maior poder aquisitivo.

Outro resultado dos investimentos em financiamento de habitação foi o aumento da verticalização de alguns bairros da cidade de Uberaba, principalmente dos bairros Abadia, São Benedito, Mercês, Fabrício e Estados Unidos, onde foram construídos diversos edifícios nos últimos anos para atender uma busca por esse tipo de moradia, especialmente por conta da vinda de estudantes universitários, funcionários de médio e alto escalão das empresas e indústrias que se instalaram em Uberaba nos últimos anos. Outro segmento que dinamizou o setor imobiliário foram os estudantes, professores e funcionários das instituições federais de ensino (UFTM e IFTM), que demandaram um aumento da procura por novos imóveis na cidade.

Enfim, há todo um movimento que transforma a estrutura urbana da cidade, que passa por uma fase de crescimento urbano, promovido pela vinda de novos moradores à Uberaba.

Referências bibliográficas

Abrão, W. O.; Amaral, K. F. & Gomes, M. T. S. (2013). *A (re)produção do espaço urbano e “boom imobiliário” na cidade de Uberaba/MG (Brasil)*. Acessado em março 30, 2015, em <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/041.pdf>.

Carlos, A. F. A. (1996). *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo, EDUSP.

Carlos, A. F. A. (2007). *A cidade*. São Paulo, Contexto.

Castro Neto, A. & Melazzo, E. (2013). *Dinâmica imobiliária e estruturação intra-urbana: Produção e consumo do espaço urbano em uma cidade de porte médio paulista*. Acessado em março 30, 2015, em <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/38.pdf>.

Corrêa, R. L. (1995). *O espaço urbano*. São Paulo, Ática.

Lopes, M. A. B. & Rezende, E. M. (1984). *ABCZ: 50 anos de história e estórias*. Uberaba, MG: ABCZ.

Oliveira, R. S. & França, I. S. (2012). *Dinâmica imobiliária e expansão urbana em Montes Claros-MG: estudo dos condomínios horizontais e verticalização*. Disponível em:

http://unimontes.br/arquivos/2012/geografia_ixerg/eixo_urbano/dinamica_imobiliaria_e_expansao_urbana_em_montes_clarosmg_estudo_dos_condom%C3%ADnios_horizontais_e_a_.pdf. Acesso: 30/03/2015.

Pereira, F. I. F. & Holanda, V. C. C. (2013). *Novas centralidades em cidades médias: um estudo de Sobral no Nordeste Brasileiro*. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/7611/9922>. Acesso: 30/03/2015

Sposito, M. E. B. (2001). As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: Sposito, M. E. B. (Org.). *Urbanização e cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente, SP: GASPERR/FCT/UNESP, 2001.

Sposito, M. E. B. (2006). O desafio metodológico da abordagem interescolar no estudo das cidades médias no mundo contemporâneo. *Cidades* (Presidente Prudente), v. 3, p. 143-157.

Sposito, M. E. B. (2007). Cidades médias: reestruturação da cidade e reestruturação urbana. In: SPOSITO, M. E. B (org.). *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo, Expressão Popular, p. 233-253.

Sposito, M. E. B. (2000). *Capitalismo e urbanização*. São Paulo, Contexto. 10ª Ed.

Villaça, F. (2009). *Espaço Intra-urbano no Brasil*. São Paulo, Nobel.

Sites:

www.fjp.mg.gov.br

www.ibge.gov.br

www.sindusconuberaba.com.br

www.uberaba.mg.gov.br

O USO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS COMO CANAL DE MOBILIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Júlio César Alcides Filho
Pós-Graduação em Geografia- Universidade Federal de Uberlândia -UFU
julio.uftm@gmail.com

Maria Terezinha Serafim Gomes, Doutora em Geografia Humana
Departamento de Geografia/UNESP- Presidente Prudente-SP
tserafim@fct.unesp.br

Resumo: Nos últimos anos, as redes sociais virtuais vêm se tornando ferramentas essenciais no cotidiano de indivíduos, empresas, instituições públicas e privadas, universidades, movimentos sociais, políticos, grupos étnicos e religiosos, entre outros. Tais redes sociais também são utilizadas como “ferramenta política”, seja por parte da população ou por partidos e atores sociais. No ano de 2013, no Brasil, as redes sociais mostraram-se sua capacidade de organizações coletivas durante as manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus, que ocorreram em algumas cidades e capitais do país. Além disso, as eleições presidenciais de 2014 materializou um “território em conflito”, mesmo que virtual, entre a população civil e os respectivos candidatos, evidenciando como partidos e atores relacionados à política utilizam as redes sociais em prol de seus interesses, usando-as como ferramenta para disputar ou se manter no controle dos aparelhos do Estado, que comandam uma série de eventos que desdobram sobre o território.

Palavras-chave: redes sociais- comunicação- mobilização

Resumen: Resumen: En los últimos años, las redes sociales virtuales se han convertido en herramientas esenciales en la vida cotidiana de las personas, empresas, instituciones públicas y privadas, universidades, movimientos sociales, grupos políticos, étnicos y religiosos, entre otros. Estas redes sociales se utilizan también como una "herramienta política", ya sea desde el pueblo o los partidos y actores sociales. En 2013, en Brasil, las redes sociales han demostrado su capacidad de organizaciones colectivas durante las manifestaciones contra el aumento de tarifas de los autobuses, que se produjo en algunas ciudades y capitales del país. Además, las elecciones presidenciales de 2014 se materializó un "conflicto territorial", aunque virtual, entre la población civil y sus candidatos, mostrando como los partidos y actores relacionados con las políticas, utilizan las redes sociales para promover sus intereses, como una herramienta para

disputar o permanecer en el control del aparato del Estado, que ordena una serie de eventos que se desarrollan sobre el territorio.

Palabras clave: redes sociales - movilización - comunicación

Introdução

O avanço da informática e a convergência de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), hoje, presentes em objetos, como celulares, *ipad*, *smartphones*, *tablets*, *notebooks* e computadores, permitiram a realização de atividades simultâneas e de alta velocidade. Esse avanço tecnológico e a instantaneidade de comunicação contribuíram para o uso cada vez mais frequente das redes sociais digitais no cotidiano das pessoas.

Desse modo, o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm favorecido o avanço das redes sociais digitais em detrimento de outros meios de comunicação, como telefone, rádio, televisão, revistas e jornais, etc.

Nos últimos anos, as redes sociais virtuais vêm se tornando ferramentas essenciais no cotidiano de diversos segmentos da sociedade, como por exemplo: cidadãos, empresas, instituições públicas e privadas, universidades, movimentos sociais, políticos, grupos étnicos e religiosos, entidades classistas, sindicatos e ONGs (organizações não governamentais), entre outros. Constatase também que redes criminosas e clandestinas utilizam-se das redes sociais e da Internet para potencializarem o alcance de suas ações e negócios.

As redes sociais vêm desempenhado papéis importantes na comunicação, no consumo e na educação, bem como no entretenimento e na organização de atividades de movimentos sociais, criando, assim, novas formas de produção, reprodução, novas ideologias, práxis e disputas de poder.

Nesse contexto, as redes sociais tornaram-se um relevante canal de comunicação na sociedade contemporânea devido à capacidade de conversas via uso de *chats*, do envio e recebimento de arquivos, de vídeos, de fotos. Além disso, a capacidade de realização de fóruns de discussões, de organização e discussão de pautas em âmbito local, regional, nacional ou mesmo global, intervindo no espaço com a realização de atos, protestos, manifestações, boicotes, denúncias, anúncios, promoções, etc.

Este trabalho tem como objetivo abordar os papéis das redes sociais na comunicação e na mobilização no contexto da globalização.

As redes sociais como um importante canal de comunicação e mobilização no contexto da globalização

Atualmente, as redes sociais e a Internet ocupam um lugar de destaque na sociedade, em detrimento de outros meios de comunicação, como o telefone residencial, o telefone público, os chamados “orelhões”, os serviços postais, a televisão, o rádio e as mídias impressas (revistas, jornais etc), devido ao alcance de público que elas atingem, bem como facilidade com que a informação trafega por esses canais, pois, basta um toque no *mouse* para que a informação seja repassada mundialmente ou armazenada na Internet e nas redes sociais gratuitamente, por dias ou anos.

Desse modo, a diferença da Internet e das Redes Sociais em detrimento de outros meios de comunicação está na sua capacidade de interação entre pessoas, conteúdos e informação de forma simultânea e imediata, permitindo a interação social – “todos – todos e não mais um – um, tal como propõe Pierre Lévy (1999). Além disso, convém destacar que, por meio desses canais a capacidade de trocas de textos, imagens, vídeos, arquivos de áudio foi potencializada, modificando o modo de como passamos a nos relacionar com determinados conteúdos e informações, com determinadas pessoas, amigos, familiares, produtos, serviços e conhecimentos, enfim com o território ao qual estamos vinculados ou mantemos relações cotidianamente ou esporadicamente.

A comunicação mediada pelo computador proporciona o distanciamento físico, no entanto, funcionando, muitas vezes, como um tipo comunicação face a face.

Nesse sentido, para Castells (1999, p. 396):

O que caracteriza o novo sistema de informação é a capacidade de comunicação, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação, é sua capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais. Em razão de sua existência, todas as espécies de mensagens do novo tipo de sociedade funcionam em modo binário: presença/ausência no sistema multimídia de comunicação.

Dada a capacidade de interação e abrangência das redes sociais numa escala local ao global, proliferam-se nas redes sociais inúmeros *sites* e “comunidades virtuais”

destinadas ao exibicionismo de produtos e serviços, desse modo basta ligarmos o computador e acessarmos a Internet para constataremos a variedade de anúncios e propagandas.

Se, por um lado, as redes sociais levaram as empresas e instituições fazer uso das redes sociais para maximizar seus negócios, por outro lado, elas possibilitaram também a criação de laços entre indivíduos em prol de causas em comum, seja em âmbito local, nacional e global.

Recuero (2009, p. 103) afirma que todas as redes sociais, “[...] Possuem mecanismos de individualização (personalização, construção do eu, etc)”. Essa capacidade de diferenciação do indivíduo por meio das Redes Sociais e sua agregação em torno de “comunidades virtuais” com os mesmos interesses, talvez seja um dos atrativos desses canais, pois, possibilita que por meios dos conteúdos simbólicos referente às suas preferências permite identificar e conhecer outras pessoas com gostos e atividades em comum, ou mesmo pessoas vítimas de problemas semelhantes mesmo essas pessoas estando situados em outros locais distantes, outros países.

Essas comunidades, de acordo com Recuero (2009, p.148), “Constitui-se em uma estrutura de nós, que estão mais próximos, mais agregados, mais conectados que os demais em uma rede social”. Para Lévy (1999, p.27), “Comunidades virtuais é um grupo de pessoas se correspondendo mutuamente por meio de computadores interconectados”.

Através dessas comunidades diversos indivíduos com causas em comum, delimitam seus planejamentos e suas ações, como, por exemplo, suas manifestações em locais públicos, reuniões e discussões entre membros do grupo sem necessidade de uma base territorial ou necessidade de presença física entre os membros dos grupos que detém identidades, ideologias e gostos semelhantes.

Nesse sentido, em seus trabalhos sobre as “Redes de movimentos sociais”, Scherer-Warren (2006, p. 215), ressalta que:

Nas sociedades globalizadas, multiculturais e complexas, as identidades tendem a ser cada vez mais plurais e as lutas pela cidadania, incluem, frequentemente, múltiplas dimensões do self: de gênero, étnica, de classes, regional, mas também de afinidades opções políticas, de valores: pela liberdade, igualdade, pela paz, pelo ecologicamente correto, pela sustentabilidade ambiental e social, pelo respeito à diversidade e às diferenças culturais.

Desse modo, encontra-se na internet e nas redes sociais uma infindável lista de “comunidades virtuais”, dedicando-se a tratar temas de relevância humanitária e social, cultural, religiosa e até mesmo tecnológica, seja em nível local ou mundial. Há grupos na internet e redes sociais que defendem na popularização de determinados *softwares* e conhecimentos restritos ao uso de uma minoria da população, como por exemplo, as vias de acesso rápido a internet e programas de processamento de informações e dados, que permitem até mesmo modos de simulação de dados e eventos.

Também há nas redes sociais e internet, grupos destinados à liberdade de expressão e acesso a informações sigilosas de Estados e Nações. Caso emblemático foi a extinção da Internet do *site Wikileaks*, de propriedade do jornalista australiano, Julian Assange, que veiculava nas redes sociais e Internet, informações sigilosas de órgãos governamentais de vários países, dentre eles os Estados Unidos.

As redes sociais e a Internet detêm também a potencialidade de criar laços sociais em torno de interesses individuais ou coletivos que em alguns casos, que vão além da interação mediada pelo computador, ou seja, vão além do espaço virtual, por permitir ações coletivas ou individuais para determinadas causas e interesses que acontecem no território, chegando a possibilitar ressonâncias sobre o acontecimento de alguns eventos. Nesse sentido, a formação das comunidades virtuais tornaram-se, hoje, canais de relevância para assuntos de ONGs e Movimentos sociais por possibilitar a exposição de suas causas.

Sendo assim, atualmente, os movimentos sociais, ONGs, partidos políticos, entidades classistas, sindicatos, movimentos culturais e artísticos utilizam as redes sociais e internet em detrimento de outros meios de comunicação. As redes sociais e a internet operam em nível mundial, possibilitando que informação e a comunicação trafeguem de forma não centralizada, fugindo dos antigos modos de interação propiciados pelo telefone, cartas, televisão e rádio.

Nesse sentido, Manuel Castells (1991, p. 354) salienta que:

A integração potencial de textos imagens e sons no mesmo sistema – interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de preços abertos e acessível – muda de forma fundamental o caráter da comunicação.

Constata-se hoje um revival de muitos Movimentos sociais utilizando-se das redes sociais, das potencialidades de comunicação disponíveis nesses meios informacionais se opõem aos ditames oriundos da globalização, mostrando como os espaços e territórios se tornaram mercadorias, trunfos, simulações, possibilidades, utilidade, operacionalidade e perversidade sob o comando dos novos atores hegemônicos, os “donos do capital”.

Scherer-Warren (2006), Recuero (2009), Lévy (1999) e Castells, (1991 e 1999) ressaltam em seus trabalhos como os Movimentos Sociais, as minorias, os despossuídos e os excluídos do sistema estão se agrupando em comunidades virtuais nas redes sociais, *sites*, e fóruns de discussão, ou seja, apoderando-se desses canais para divulgar, se defender, se organizar e atuar em prol de suas causas e interesses em comum. Scherer-Warren, (2006), utiliza o conceito de “Redes Transnacionais”, para explicar a articulação de vários Movimentos sociais, unidos em prol de causas humanitárias com repercussões e ações numa nível mundial.

Os movimentos sociais cientes das possibilidades de abrangência desses canais de comunicação cada vez mais têm usado esses meios para organização, divulgação, reunião, troca de informações, propagação de ideologias e valores, sejam eles religiosos, culturais, políticos, étnicos e sociais, etc.

Em virtude do baixo custo pelo acesso e da quantidade de pessoas que as redes sociais e a internet alcançam, elas tornaram uma importante ferramenta para os movimentos sociais, pois permitem a realização de ações coletivas entre movimentos situados territorialmente em qualquer lugar onde haja acesso a internet, para uma série de atividades, mesmo esses movimentos detendo ideologias distintas (ONGs, Via Campesina, Movimentos dos Sem Terra- MST, Movimentos Feministas, Ecológicos, Movimento pela Reforma Urbana, entre outros movimentos sociais), mas que em seu cerne defendem causas humanitárias. Tais movimentos utilizam-se das ferramentas digitais disponíveis no Ciberespaço para aumentarem a ressonância para suas causas e ideologias, para o agendamento de atividades destinadas a se realizarem em espaços públicos, como passeatas, piquetes, boicotes e ocupações. Este é um fator positivo quanto ao uso das redes sociais, pois permitem a interconexão de grupos em prol de causas humanitárias, valores estes que são inexistentes e escassos em muitos lugares e territórios.

Em seus trabalhos, Scherer-Warren (2006, p.7), demonstra que os movimentos sociais utilizando-se das redes sociais, conseguem obter mais visibilidade e capacidade de ação para suas causas, podendo convergir com outros movimentos com causas em comum.

Atualmente, os movimentos sociais possuem perfis em redes sociais, que contribuem para sua organização e articulação, conforme podemos visualizar na figura 1.

Figura 1 – Facebook do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra -MST



Fonte: Disponível em: <http://www.Facebook.com/#!/MovimentosSemTerra?Fref=Ts>. Acesso em: 10 mar. 2013.

Além dos movimentos sociais, vários outros segmentos da população se apropriam das redes sociais para a divulgação de suas opiniões, de suas ideologias, etc. No Brasil, entidades religiosas, vereadores, prefeitos, deputados estaduais e federais, senadores, parlamentares com páginas na internet ou mesmo perfis nas redes sociais que se dedicam a exibir seus discursos, suas ações, preceitos éticos e morais, suas agendas e compromissos e comunicação pessoal. O Estado nas suas diferentes esferas também vem utilizando-se das redes sociais para divulgação de seus atos e ações, agendas, prestação de serviços e acesso à informações, entre outros.

Muitas vezes, tanto as redes sociais como internet permitem alterações nos acontecimentos de fatos políticos, tendo em vista que através do uso desses meios de comunicação tornou-se possível atingir milhões de pessoas, muitas vezes, tendo a possibilidade de influenciar a opinião pública.

Nesse sentido, Raquel Recuero, (2009, p.16) analisa um caso em que as redes sociais e a internet influenciaram um desfecho político;

Em 2008, uma série de fenômenos atraiu a atenção de pessoas em todo o mundo. O primeiro aconteceu nos Estados Unidos. Utilizando vídeos, blogs e sites de redes sociais, pela primeira vez, o mundo acompanhou de perto a campanha presidencial entre os candidatos Barack Obama e John McCain e os efeitos da internet através nela. Através do Twitter, por exemplo, era possível acompanhar o que os usuários comentavam da campanha. O vídeo mashup, “Yes We Can” (lançado em fevereiro) criado por William do Black Eye Peas, híbrido de um discurso proferido pelo então candidato Barack Obama durante as primárias de New Hampshire, acompanhada por uma canção, e diversas personalidades, rapidamente tornou-se um hit no you tube. Ao mesmo tempo, durante essa campanha, protagonizou-se um dos maiores índices de comparecimentos de todos os tempos nas eleições americanas.

No Brasil, as eleições presidenciais de 2014 materializou um “território em conflito”, mesmo que virtual, entre a população civil e os respectivos candidatos, evidenciando como partidos e atores relacionados à política utilizam as redes sociais em prol de seus interesses, usando-as como ferramenta para disputar ou manter-se no controle dos aparelhos do Estado, comandando uma série de eventos que se desdobram sobre o território.

Esses tipos de eventos estão se tornando cada vez mais corriqueiros na esfera política, com a tecnologia disponível nos dias atuais, tornou-se possível que uma série de atividades interativas e informacionais, que beneficiaram a movimentação de conteúdos de imagem, som e áudio, produtos e serviços de forma instantânea beneficiando tanto o setor privado, como os movimentos sociais. No contexto global cabe ressaltar que organizações criminosas e religiosas também estão se utilizando da internet e das redes sociais para maximização de seus negócios.

Nesse contexto, com o desenvolvimento das TICs, observa-se cada vez mais o uso das redes sociais como canal de comunicação e mobilização, proporcionando assim,

o uso como ferramenta política, dada a capacidade de atingir um público cada vez maior.

Tais redes sociais são utilizadas para diversos fins, entre eles: busca de entretenimento, de conhecimento, de consumo, para fins comerciais e publicitários entre pequenas, médias ou grandes empresas, pelas vantagens que oferecem para comunicação e trocas de informações, também são utilizadas como “ferramenta política”, seja por parte da população ou por partidos e atores sociais.

Nos últimos anos, vários são os exemplos que podemos destacar sobre o uso das redes sociais em caso de mobilizações. Em 2010 e 2011 ocorreram várias manifestações e protestos nos países árabes, Tunísia, Líbia, Síria, Egito, Argélia, Bahrein, Iêmen, Marrocos, entre outros, a chamada de Primavera Árabe, preconizando mudanças políticas, sociais e econômicas, que resultaram em alguns casos, na derrocada de chefes de Estados, conforme destacou Vizentini *et al* (2012), “[...] derrubou velhas oligarquias autoritárias que estavam no poder há décadas – tanto monarquias tradicionais como repúblicas modernizadoras”.

Porém, Vizentini *et al* (2012,p.72) faz um alerta:

Um aspecto da máxima relevância, porém, levantado pela Primavera Árabe é a utilização explícita da estratégia de Mudança de Regime (*Regime Change*) das chamadas “Revoluções Coloridas”, um novo elemento das relações internacionais. É, basicamente, uma estratégia de mobilização para provocar uma mudança pacífica de regimes políticos desgastados, que se tornaram indesejáveis às grandes potências. Elas tiveram início como forma de derrubar os regimes comunistas do leste europeu (não mais apoiados por Gorbachev), especialmente na Alemanha Oriental e na Tchecoslováquia (*Revolução de Veludo*). Gradativamente, elas ganharam nova dimensão com a difusão da internet, da telefonia celular e das redes sociais.

Esse mesmo autor, destaca que a estratégia de mudança de regime das chamadas “Revoluções Coloridas”,

[...] foi empregada com sucesso na Sérvia, em 2000 (Revolução Bulldozer); na Geórgia, em 2003 (Revolução Rosa); na Ucrânia, em 2004 (Revolução Laranja); no Líbano (Revolução Cedro) e no Quirguistão (Revolução Tulipa), em 2005. Mas na China, na Venezuela, no Irã (Verde), na Rússia, na Bielorrússia, em Mianmar e no Zimbábue, entre outros, ela (ainda) não atingiu seus objetivos. Finalmente, chegou aos países árabes em 2011. Pode-se pensar que se

trata de uma forma espontânea de luta política, possibilitada pela tecnologia da informação. Mas chama atenção que os slogans, os logos, a adoção de uma cor ou padrão (com um kit completo que inclui camisetas, bandeiras, faixas e balões, que lembram as convenções partidárias dos EUA) e uma conexão comum com a grande mídia global possuem um padrão incrivelmente idêntico. Assim, como dizia o presidente norte-americano Franklin Roosevelt, “em política nada acontece por acidente. Se alguma coisa acontece, você pode ter certeza que foi planejado”. (Vizentini *et al*, 2012, p.73)

Tais manifestações foram divulgadas pela mídia globalizada como movimentos espontâneos em busca de liberdade. Muitos desses protestos foram organizados em desses países através de organizações que tentam desestabilizar os governos locais.

No Brasil, recentemente com as manifestações do dia 15 de março de 2015, milhares de pessoas saíram às ruas de capitais e outras cidades, convocadas por grupos conservadores, que se diziam lutar pelo combate a corrupção, mas outros preconizam o *impeachment* da Presidente Dilma Roussef e a intervenção militar. O cientista político Luiz Moniz Bandeira chama-nos a atenção numa entrevista⁶:

[...] os Estados Unidos continuam na tentativa de desestabilizar governos de esquerda na América Latina, como os da Venezuela, Argentina e Brasil; Evidentemente há atores, profissionais muito bem pagos, que atuam tanto na Venezuela, Argentina e Brasil, integrantes ou não de ONGs, a serviço da USAID, Now Endowment for Democracy (NED) e outras entidades americanas, para desestabilizar esses países, com a utilização de instrumentos que incluem protestos de rua”. “[...] segundo ele, as manifestações de 2013 e os recentes atos contra Dilma “não foram evidentemente espontâneos”. A estratégia é aproveitar as contradições domésticas do país, os problemas internos, a fim de agravá-los, gerar turbulência e caos até derrubar o governo sem recorrer a golpes militares”.

No Brasil, em 2012, as Redes Sociais também foram usadas durante a greve dos professores das Universidades e Institutos Federais, no qual algumas instituições permaneceram em greve por mais de cem dias. As redes sociais foram fundamentais para ação dos envolvidos tanto por sua organização como para disseminação de suas

⁶<http://www.brasil247.com/pt/247/brasil/173622/Moniz-Bandeira-EUA-est%C3%A3o-por-tr%C3%AAs-do-golpismo.htm>

diretrizes, pois, por meio dessas redes foi possível coligar diferentes frentes para suas ações em nível nacional e apenas local ou regional.

Nesse contexto, as redes sociais possuem capacidade de atingir um grande público e organizar manifestações, protestos, como, por exemplo, as que ocorreram no Brasil, em junho de 2013. Tais manifestações iniciadas nas mídias sociais digitais buscam agrupar um grande número de pessoas em torno de uma causa. Naquele momento, propagam as manifestações e protestos para a redução da tarifa do transporte público, combate a corrupção, reforma política, melhorias na saúde e na educação.

As redes sociais foram às principais ferramentas para organização e também de publicidade para realização dos atos e manifestos e também servindo para publicidades e legitimação da causa defendida perante a população nos acontecimentos que marcam este período.

Nesse contexto, as comunidades virtuais, as redes sociais e o Ciberespaço em boa medida substituíram os locais onde algumas discussões sobre determinados temas e assuntos ocorriam ou ficavam restritos a determinados segmentos da sociedade. Surgiram, assim “as ruas e as praças virtuais”, de acordo com Leonardo Boff, ou seja, estaríamos assim diante de uma “Ágora virtual”, um espaço de discussões, que possibilitaria a maior participação da população nas demandas emergenciais da cidade e das decisões políticas, dispensando a necessidade da presença no espaço real dos corpos. Além disto, as praças e vias informacionais formadas pelas Redes Sociais e pela internet podem suprir antigas restrições que seriam necessárias para realização de determinados atos e ações, fato que pode ser muito produtivo ou destrutivo, pois demarca a possibilidades para ser e estar, se territorializar e desterritorializar.

Com as Redes Sociais, a internet, computadores, celulares de demais objetos a informação passou a ser processada e reconstruída pela população, fato que os antigos meios de comunicação tradicionais não permitiam ou censuravam.

Pierre Lévy (1999) já destaca novas possibilidades de uso advindas do meio digital dentre elas está a capacidade de “maior participação da população nas decisões políticas” (p.186), além da abertura “planetária para diversas formas de especialidades e parcerias”. As possibilidades imanentes do Ciberespaço são imensas para sociedade devido ao rompimento do nível de atuação da comunicação, não mais se restringindo ao local possibilitando também à troca informações, o tratamento, a discussão, a

disseminação e o armazenamento de informações entre pessoas localizadas por enormes distâncias e acidentes geográficos.

Nesse sentido, cada vez mais as redes sociais proporcionam a cada cidadão a possibilidade de opinar e discutir sobre as políticas dirigidas para as cidades e sua coletividade, seguindo este raciocínio se pode vislumbrar a capacidade de uma nova “democracia eletrônica”, como enfatiza Lévy (1999). Mas o autor também assevera essa política não seria restrita apenas aos referendos e pequenas decisões, para Lévy (1999, p. 195), o Ciberespaço permite “incitar a colaboração coletiva e contínua dos problemas e sua solução cooperativa, concreta, o mais próximo possível dos grupos envolvidos”.

Desse modo, as redes sociais vêm desempenhando papel relevante como ferramenta política na capacidade de organizar vários segmentos da sociedade, de criar fóruns de discussões, opinar, questionar, sugerir, avaliar sobre vários temas, assuntos, inclusive sobre serviços coletivos à sociedade.

Em suma, entre as várias tantas possibilidades obtidas pelo uso do Ciberespaço, da Internet, das redes sociais, das TICs, e dos softwares e outras tantas mídias que operam sobre os indivíduos em diferentes intensidades, estão proporcionando transformações significativas na maneira como o homem se relaciona com o tempo e o espaço, o fazer, o viver, o simular, o se espacializar, se projetar, o ser e estar.

Considerações finais

Nos últimos anos, o processo de globalização em curso e as transformações nas relações espaço e tempo, acarretadas pelo desenvolvimento de novas tecnologias, implicaram na “*compressão de espaço e tempo*” (Harvey, 1989) ultrapassando os territórios e fronteiras, bem como na maneira como indivíduos e instituições se relacionam.

O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) tem favorecido o avanço das redes sociais digitais, proporcionando a comunicação de forma instantânea e imediata, permitindo o uso cada vez mais frequente das redes sociais digitais no cotidiano das pessoas.

Dessa forma, as redes sociais estão se tornando ferramentas cruciais no dia a dia de muitos cidadãos e instituições públicas e privadas, dentre elas, escolas, universidades, bancos, grandes empresas multinacionais e nacionais ou mesmo

pequenos negócios, e também indivíduos com interesses em comum, permitindo a conexão entre eles em tempo real, localizados ou não a distâncias geográficas consideráveis, sejam através de troca de mensagens em arquivos em vídeos, filmes, imagens, fotos, textos ou sons músicas ou através de videoconferência. Sendo assim, os movimentos sociais, ativistas políticos, ambientalistas, grupos étnicos e religiosos e até o crime organizado com o mesmo “código simbólico” têm utilizado das redes sociais para desenvolverem suas atividades.

As possibilidades criadas pelas redes sociais digitais permitem que a informação e a comunicação circulem em velocidade impensável há poucas décadas atrás.

Em suma, no contexto da globalização as redes sociais têm desempenhados papéis relevantes nos diferentes usos e funções, seja no consumo, no entretenimento, na educação, na organização de movimentos sociais, nas atividades profissionais e cotidianas das pessoas. As relações sociais deixam cada vez mais, em parte, de ser face a face para se tornar virtuais, em diferentes distâncias e escalas.

Referências Bibliográficas

- Acioli, S. (2007) Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. *Informação & Informação*. 12, n. especial. Acessado março 10, 2013, em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784>.
- Alcides Filho, J. C. (2013) *O uso das redes sociais no contexto da Globalização: Uma análise de seu papel na comunicação, no consumo e na construção do conhecimento*. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba.
- Bauman, Z. (1999) *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Castells, M. (1999) *Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2003) *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora.
- David, H. (1993) *A condição pós moderna*. São Paulo: Loyola.
- Doimo, A. M. [et al] (2007) *Movimentos sociais, Internet e novos espaços públicos: o caso da DH NET*. In: Dias, L.C& Silveira, R. L.L da (org.). *Redes, sociedade e territórios*. (107-129) 2 ed., Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Lévy, P. (1993) *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: ED. 34.
- Lévy, P. (1999) *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: ED, 34.
- Lévy, P. (2011) *A Inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola.
- Dias, L. C. & Silveira, R. L. L.(org.). (2007) *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Marteleto, R. M. (2001, jan./abr.) Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*. Brasília, 30 (1),71-81. Acessado em setembro 15, 2013, em <<http://pontomidia.com.br/raquel/seminario2005.pdf>
- Otávio, I. (1998) *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Pires, H. F. (2010, Jan./Jun.). Redes sociais colaborativas e Geografia em rede: as novas formas de apropriação do conhecimento social no século. *Terra Livre*. 1 (34), 1-281.
- Primo, A. (2007) *Interação mediada por computador: comunicação, Cibercultura, cognição*. Porto Alegre: Sulina.
- Primo, A. (2001) Ferramentas de interação em ambientes educacionais mediados por computador. *Educação*. 44, 127-149. Acessado em abril 10, 2013, em http://www.pesquisando.atravesda.net/ferramentas_interacao.pdf

Randolph, R. (2007) Tecnologias de informações e comunicação, redes de computadores e transformações sociospaciais contemporânea. In: Dias, L.C; Silveira, R.L.L da (org.). *Redes, sociedade e territórios*. 2 ed., (131-155) Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Recuero, R. (2005) Comunidades em redes sociais na Internet: Um estudo de uma rede pró-ana e pró-mia. *Faro*, Valparaíso, 2005, 1 (2)1-21.

Recuero, R. (2005) *Comunidades virtuais em redes sociais na Internet*: Uma proposta de estudo. Acessado em junho 10, 2013, em <<http://www.raquelrecuero.com/seminario2005.pdf>>

Recuero, R. (2010) *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina.

Recuero, R. *Comunidades virtuais - Uma abordagem teórica*. Acessado em março 10, 2014, em < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.html>>

Santos, M. (1994) *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico internacional*. São Paulo: Hucitec.

Santos, M. (1996) *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Hucitec.

Santos, M. (2000) *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record.

Scherer-Warren, I. (1996) *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola.

Scherer – Warren, I. (2005) Das mobilizações as redes de movimentos sociais. *Revista Sociedade e Estado*. Brasília: Editora da UnB, 21 (1), 109-130.

Scherer – Warren, I.(2005) Redes Sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, L. C. & Silveira, R. L.L. da (Orgs). *Redes, Sociedades e Território*. (29-50) Santa Cruz do sul, EDUNISC.

Scherer – Warren, I. (2006) Redes sociais na sociedade de informação. In: MAIA, R. & Castro, M. C. P. S. (Orgs). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. (215-228) Belo Horizonte: Editora UFMG.

Tomael, M. I. (2007). Redes sociais, conhecimento e inovação localizada. *Informação & Informação*. Londrina, 12, especial. Acessado julho 17, 2011, em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1782/1519>>

Vizentini, P. F. (2012, jan./jun.) Verão Árabe: guerra civil e intervenção internacional na Líbia, Síria e Iêmen. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, 51, 57-79. Acessado março 25, 2015, em <http://seer1.fapa.com.br/index.php/arquivos>.